

**HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SAGRADO  
CORÇÃO DE JESUS ITACOATIARA/AM: LUTA E TRAJETÓRIA – UM RELATO  
DE EXPERIENCIA HISTÓRICO**

*Rayssa Kellem Rodrigues Ferreira<sup>1</sup>  
Hiana Rodrigues da Silva Magalhães<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho de conclusão de curso corresponde ao resultado da pesquisa intitulada, História Oral e Memória da Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus: Lutas e Trajetórias. A Comunidade Sagrado Coração de Jesus pertence ao município de Itacoatiara AM, estabelecida na zona rural do município. Falar da comunidade, faz parte desta pesquisa que teve início a partir da atividade complementar do Curso Licenciatura em História a priori relacionada ao projeto de extensão o qual eu participei como acadêmica voluntária no ano de 2022, foi realizado entrevistas de História Oral, para o desenvolvimento desta pesquisa, voltada para História, memória e identidades dos remanescentes da comunidade. As Histórias e vivências que fazem parte da luta pelo processo de reconhecimento histórico. Apresentamos como principal objetivo: Trabalhar a história e memória, a partir das narrativas orais dos moradores que se reconhecem como remanescentes quilombolas. A metodologia consiste em trabalhar as transcrições das narrativas orais concedidas pelos comunitarios. Os relatos destes depoimentos são a maneira de percebermos como esses relatos orais colaboram para um trabalho de história oral no que tange uma história do município de Itacoatiara, assim como a história do Quilombo de Serpa.

**Palavras-chave:** Quilombo do Serpa, Identidade, História Oral, Memória.

## **1. Introdução**

A presente pesquisa com a temática, “*História Oral e Memória Da Comunidade Quilombola Sagrado Coração De Jesus: Lutas e trajetória*”, foi desenvolvida na comunidade rural Sagrado Coração de Jesus, pertencente ao município de Itacoatiara-AM. O desenvolvimento desta pesquisa se deu em visitas realizadas a comunidade quilombola, visitas essas oriundas de um Projeto de Extensão, no ano de 2022, o qual fui voluntária juntamente com toda a turma do curso de Licenciatura em História Mediado por Tecnologia Presencial. A partir das entrevistas de história oral, das transcrições das mesmas estas passam a ser meu objeto de pesquisa. Portanto, conhecer as histórias dos comunitários que ali vivem por meio de suas próprias memórias e narrativas, tendo seu desenvolvimento a partir da análise da realidade social posta na Comunidade Sagrado Coração de Jesus, memórias essas

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de licenciatura em História mediado por tecnologia presencial do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara, (CESIT), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: [rayssakellen6@gmail.com](mailto:rayssakellen6@gmail.com)

<sup>2</sup>Orientadora: Professora assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Mestra em História Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [hrmagalhaes@uea.edu.br](mailto:hrmagalhaes@uea.edu.br)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

que contam suas vivências e a história do lugar, ressaltando as tradições, as relações com o meio ao qual se insere e a luta coletiva destes pelo o reconhecimento da comunidade quanto território de quilombo. Abordagem que se faz é por meio dos sujeitos sociais que se reconhecem como remanescente, o grupo de comunitários entrevistados por nós, homens e mulheres que reivindicam por esse reconhecimento histórico, e manter vivas as tradições, as quais fazem parte de um longo processo identitário e histórico, legado de gerações quando se pensa em uma história dos negros na Amazônia. Esta pesquisa tem como objetivo, evidenciar as nuances e a relevância dessa temática para uma contribuição historiográfica, pois, a mesma ressalta a importância histórica da presença e da trajetória negra no município de Itacoatiara, o qual originou a formação da Comunidade Quilombola, evidenciando o processo histórico de reconhecimento dos comunitários e como a história dos mesmos não devem ser ignorados, pois, fazem parte da nossa cultura e sempre estiveram em luta por seus direitos, buscando manter as tradições e compartilhando sua história, mesmo sendo invisibilizados, como afirma (Melo 2021, p. 17) “ está poderia se chamar a história da construção de um silêncio porque, se há uma ausência inquestionável e longe da historiografia produzida sobre o Amazonas, sem dúvida, é aquela que tematiza a presença negra”.

A pesquisa foi desenvolvida na comunidade quilombola localizada no Lago de Serpa, Sagrado Coração de Jesus, no município de Itacoatiara, inicialmente elaboramos um projeto de pesquisa e o fichamento de algumas obras bibliográficas para a fundamentação, autores como: Barros (2005) e (2012), Meihy (1996); Melo (2021); Archanjo (2015); entre outros. Foram utilizados também teses como Funes (1999) e outros. Ao decorrer da pesquisa novas fontes bibliográficas foram sendo utilizadas, como: as atas das reuniões da comunidade, fotografias, documentos cedidos pela Prelazia de Itacoatiara, e a transcrição das entrevistas orais, pois as mesmas são “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos (1996, Meihy p.17).

A presente pesquisa enquadra-se no campo da história seguindo a divisão de Campo Histórico estabelecido por Barros (2012), na História Cultural, História Social, História Oral e História Local. Por apresenta-se dentro do campo de estudo da História Cultural, deu-se ênfase na importância desses lugares na cultura brasileira, e em sua luta por tal reconhecimento e valorização. A pesquisa também se encontra dentro do Campo, História Social, pois a mesma é “considerada como ramo de História que examina a ‘dimensão social’

de uma sociedade” (Barros 2012, p. 111). Sendo utilizado a metodologia de História Oral que segundo o (Silva, Silva 2009, p.186) “é uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais “o historiador constrói suas análises”, utilizando a memória como fonte”, pois a História Oral “passou a ser um relevante meio de valorização das identidades de grupos sem escrita, por meio da coleta de seus depoimentos e da análise de sua memória, de sua versão do mundo e dos acontecimentos” (Silva, Silva, 2009, p. 186). Segundo Barros (2012) esta pesquisa está dentro do campo de observação de História Regional e História Local, cabe aqui compreendermos que os elementos essenciais neste trabalho de pesquisa se deu a partir da História Oral como metodologia principal, pois ela permite o registro de testemunhos e acesso a “ história dentro da história’, e dessa forma, ampliar as possibilidades de interpretação do passado” (Alberti, V. 2011, p. 155).

Portanto, procurar compreender estes sujeitos da história, inseridos nessa realidade, nesse contexto, assim como “as lembranças dos antigos quilombos são acionadas para elucidar a história de luta e resistência de seus antepassados que romperam com a ordem escravista” (Archanjo 2015, p. 85).

**Figura1** – Entrada da Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus.



**Fonte:** Acervo pessoal.

## 2.1 Breve contexto da Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa

A formação de quilombos e mocambos no território brasileiro iniciou como uma das formas de resistência dos escravizados africanos. O termo “mocambo” muito utilizado na região da Amazônia, era “ o acampamento, o lugar, o terreiro onde o escravo assumia a sua condição de liberto” Funes (1999), já o termo “quilombo” é originário da língua banto<sup>3</sup>, *kilombo*, e significa povoação ou fortaleza, (Vainfas, 2000, p. 494) . Porém o termo no período Colonial significou muito mais que o que a designação dada pela língua africana, pois, a palavra se popularizou com o conhecimento do Quilombo dos Palmares<sup>4</sup> (origem remonta a 1580-1694). Assim, o termo quilombo consiste em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio, O’dwyer (2002). Os Quilombos eram vistos como uma significativa forma de resistência, pois, nesses espaços, negros escravizados encontravam-se livres, procuraram integrar-se ao meio ambiente, à outra cultura ali existente, a indígena, reestruturar sua vida socioeconômica e estabelecer vínculos com o mundo exterior, forjando uma cultura afro-amazônica, Funes (1999).

No Brasil de acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup>, realizado no ano de 2022, existem cerca de 1 330 186 pessoas quilombolas em 25 Unidades da Federação. Atualmente no Amazonas encontra-se cerca de 8 Comunidades Quilombolas com Certificação de Auto Definição, a Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa é uma delas. A primeira comunidade quilombola reconhecida no estado do Amazonas segundo a Fundação Palmares<sup>6</sup>, está localizada entre os municípios de Barcelos/Novo Airão, tendo obtido a certificação no ano de 2006. Na região do

---

<sup>3</sup> Banto é palavra que designa o tronco lingüístico do amplo leque de idiomas falado na África central e austral, a exemplo do umbundo, quimbundo, bakongo etc. [...] O termo bantu, designativo da relativa unidade lingüística dos africanos de Angola, Congo, Moçambique e adjacência, só foi cunhado no século XIX, concentrando-se na região sudeste, mas espalhados por toda parte (Vainfas, 2000, p. 66).

<sup>4</sup> Localizado em Pernambuco na Serra da Barriga. “A Serra, atualmente tombada pela União, constitui um território particular pelas restrições de acesso, pela visão ampla que oferece em seu mirante, pela existência de águas em sua topografia de costas íngremes. Tudo isso, dificultou sua destruição. Palmares é hoje símbolo de luta do Movimento Negro. Esse núcleo de resistência foi formado em 1605 por negros foragidos e reunia diversos quilombos. Durante quase 100 anos, Palmares sofreu constantes ataques. Ganga Zumba foi seu último rei, morto pelo sobrinho Zumbi, que liderou uma resistência heroica e acabou com a destruição do quilombo e sua morte em 20 de novembro de 1695, data em que foi escolhida para marcar o Dia Nacional da Consciência Negra” (Anjos, 2006, p. 46).

<sup>5</sup> [liv102101.pdf \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/liv102101.pdf). Acesso: 03/10/2024

<sup>6</sup> <https://www.palmares.gov.br> Acesso: 06/10/2024

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Baixo Amazonas, especificamente, no município de Barreirinha, no ano de 2013, cinco comunidades foram reconhecidas pela Fundação Palmares, no ano seguinte a Comunidade Sagrado Coração de Jesus obteve sua certificação.

A Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa é uma comunidade rural pertencente ao município de Itacoatiara, está localizado na rodovia AM-010, no quilometro 8, sua origem segundo o Sr. Ernandes Soares Macedo, 72 anos:

[...] chegaram em Itacoatiara, aí eles fugiram... quando o barco navio que vieram, atracaram em Itacoatiara, na história conta que foi ali ...vocês sabem mais ou menos onde é a Praça do Relógio... ali aquilo tudo era mato... aquilo era mata, eles fugiram e vieram para o Lago de Serpa ... se localizaram aqui escondido aqui no Lago de Serpa[...]<sup>7</sup>

O mesmo, relata como lhe foi contado a história da chegada dos africanos livres no município de Itacoatiara, antiga Vila de Serpa, africanos esses, que deram origem a Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus. O Sr. Sebastião, 62 anos, também relata a chegada do seu pai “vieram junto com eles lá, que quando foi eles chegaram em Itacoatiara que meu avô ficou lá no centenário”<sup>8</sup>, o mesmo nos narra que este relato é do seu pai, que contava como foi a sua chegada em terras itacoatiarenses juntamente com seu pai, avô de Sebastião, de Navio, quando tinha apenas 8 anos de idade.

A confluência de memórias narradas por estes dois senhores que se identificam como remanescentes quilombolas trazem trajetória de histórias que ora podem ser também evidenciadas a partir de outras fontes documentais e historiográficas.

Os relatos caracterizam numa memória histórica, mas também são confirmados em fontes documentais referentes ao contexto e periódicos sobre notícias da região, como o periódico *Exposição do Presidente da Província do Amazonas*, Ângelo Tomás do Amaral do Partido Conservador (1857, *apud* Oliveira, 2019) que cita que foram confiados à Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas na vila de Serpa, pelo Ministério do Império, trinta e seis africanos livres. Eles foram confiados à Cia. de Navegação, a fim de servirem na Colônia Itacoatiara, para cumprir seu tempo de serviço enquanto aguardavam sua emancipação (Brito, 2018, p, 122). Documentos que comprovam que esses africanos livres foram entregues a Colônia Industrial de Itacoatiara, sendo datada sua chegada no ano de 1857, e no mesmo ano

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Ernando Soares Macedo, 15/10/2022.

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Sebastião Gonçalves de Melo, 15/10/2022.

sete destes foram batizados pelo Pe. Francisco de Paula Cavalcante Albuquerque na Igreja de Nossa senhora do Rosário Cúria (1857). Tivemos acessos a copias, e scanners dessas certidões de batismos que se encontram no arquivo da Prelazia de Itacoatiara.

## 2.2 Memória e história – Luta da Comunidade Quilombola

De acordo com o conceito histórico, exposto pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)<sup>9</sup>, órgão responsável pela titulação das terras quilombolas, comunidades quilombolas são grupos étnicos, constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, parentesco, território, ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. A identificação, titulação, reconhecimento<sup>10</sup> e proteção à sua terra e cultura estão entre os grandes desafios enfrentados por essas comunidades.

Trabalhar uma memória de luta e resistência são questões presentes nas falas dos comunitários, expressam a realidade do discurso muitas vezes este ignorado pela sociedade, assim como a luta pela afirmação de ser remanescente:

[...] realmente eu sou um desses descendentes de escravos, porque na época nos estudos que realmente teve as fugas dos quilombos, como é, dos escravos, você sabe que eles vieram fugido, né [...] que a minha descendência é mesmo é da África.<sup>11</sup>

É importante salientarmos que os moradores da comunidade são moradores que se identificam com remanescentes quilombolas. A narrativa do senhor Ernando, morador da comunidade quilombola, representa essencialmente o reconhecimento histórico, onde ele tem uma memória histórica uma consciência de reconhecimento.

Outro morador da comunidade o Sr. Sebastião narra histórias de sua infância, relatando um pouco das histórias que formam o lugar:

Olha é uma coisa que eu, eu tinha e tenho até hoje a lembrança da, quando eu era pequeno assim, era meu pai com os amigos dele que tinham que eles

<sup>9</sup> [Quilombolas — Incra \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/incra) Acesso em: 12/10/ 2024.

<sup>10</sup> Para a obtenção do título de remanescente é preciso se auto definir como quilombola e encaminhar a solicitação de inscrição no cadastro geral de Registro de Auto definição a FCP, que expede a certidão com a finalidade de promover a cultura negra e suas várias expressões no seio da sociedade brasileira (SUNDFELD, op.cit, p. 15).

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Ernando Soares Macedo. 15/10/ 2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

jogavam baralho, aí tinha uma bandinha de música aqui que tocava violão, cavaquinho né pro pessoal, bem daqui da frente, tinha um que tocava que era do pessoal do “sabinosada”, o Sebastião Sabino, Chico Sabino, Raimundo Sabino, João Sabino, que morava pra ali então e quando chegava, tinha a época que eles faziam as festinhas deles. Aquilo ali me traz uma lembrança até hoje comadre [...] eu estava com uns oito a dez anos, nesse momento mesmo, era chão batido, não tinha assoalho não, era chão batido mesmo, aí fazia com uma um por exemplo uma casinha começa aí, aí coberta de palha mesmo, aí fazia aquela ramada que chamavam no tempo, e faziam aquelas festas deles [...]<sup>12</sup>

A família Sabino, citada pelo morador, é uma das famílias mais antigas e tradicionais da comunidade, o próprio Sr. Sebastião relata que o patriarca da família sabino:

Ele era quilombola [...] bem negro mesmo [...] era Raimundo Sabino, só que naquele tempo ninguém não tinha estudo, ninguém sabia quem era e quem não era [...] depois que veio o estudo [...]<sup>13</sup>

E nessas lembranças relatadas notam-se aspectos necessários para a compreensão do processo histórico que passa pela resistência escrava, pela constituição dos quilombos e sua não destruição, mas concretização nas atuais comunidades negras, Funes (1999)

Outro aspecto da comunidade pode ser notado nas falas do Sr. Hélio morador e coordenador do Quilombo, são as histórias que ouvia acerca dos meios de sobrevivência, trabalhos exercidos por comunitários:

[...] o meio de sobrevivência aqui antigamente passava telégrafo aqui nesse Rio aí eles começaram a retirar esses cobres do fundo do Rio, aí um ia com uma canoa e puxava, puxava aquela rede e quando enchia a canoa cortava e o outro pegava [...]<sup>14</sup>

O mesmo também nos narra histórias que vivenciou da sua infância, o trabalho que seus pais e de outros moradores faziam para o sustento de suas famílias:

[...] passaram a sobreviver da lenha da tiração da lenha aqui antigamente o era o transporte fluvial, navios no caso eles eram movidos a vapor [...] aí eles tiravam a lenha levavam lá para o Centenário [...] aí quando terminou a lenha passou a ser o carvão [...] carvão, a sobrevivência através do carvão, aí se extraía a madeira faziam o carvão, isso aí eu já eu já era gente já, trabalhei

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Sebastião Gonçalves de Melo, 15/09/2022.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Sebastião Gonçalves de Melo, 15/09/2022.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Francisco Hélio Dias do Nascimento, 15/09/2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

muito com meus pais [...] pretos carvoeiros, era a identidade que eles davam para gente, olha aí é um preto carvoeiro lá do lago de Serpa [...] <sup>15</sup>

O Sr. Ernando em suas falas também relata acerca da atividade carvoeira existente na comunidade, pois o próprio trabalhou na área:

[...] uma função muito forte de carvoaria na época, porque não era proibido, não era proibido realmente o manejo do carvão, dessas coisas, foi aonde foi reconhecido o trabalho de carvão foi através de nós, eu na verdade sou um dos maiores profissionais de carvão, faço até remédio do carvão, eu faço do pó do carvão virar pedra de carvão [...] <sup>16</sup>

Foi por meio das memórias narradas que pude perceber a História que deu origem a trajetória do reconhecimento como comunidade quilombola, pois, segundo Halbwachs (1990), para que a memória dos outros nos auxilie, é necessário que existam pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. “A memória é essencial a um grupo porque está atrelado à construção de sua identidade” (Alberti, V. 2011, p. 167).

E nesses trechos percebe-se que as memórias de antigos moradores além de contar suas vivências e partes de suas trajetórias contam também a importância do meio na vida dos comunitários, tendo na natureza uma aliada para sua sobrevivência e resistência, todo território e o lago de Serpa são parte dessas histórias, dessa identidade, pois “as identidades são construídas a partir das memórias narrativas produzidas no tempo presente” (Magalhães, 2021, p. 97), uma das principais reivindicações dos moradores é pela preservação do lago, como destaca a fala do Sr. Hélio:

[...]eu tenho uma história aqui nessa comunidade, e essa história eu não quero que se acabe, é por isso que nós lutamos, pela preservação da nossa comunidade, enquanto uns lutam pela destruição, nós luta pela preservação [...] <sup>17</sup>

O Sr. Sebastião frisa a preocupação quanto a terra e o lago em suas falas, principalmente, pelas futuras gerações:

[...] esse lago aqui para nós é Ave Maria! Deus o livre vier afetar esse nosso lago aqui, vai ficar muito ruim para nós [...] e a gente se preocupa muito

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Francisco Hélio Dias do Nascimento, 15/09/2022.

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Ernando Soares Macedo, 15/09/2022.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Francisco Hélio Dias do Nascimento, 15/09/2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

nessa parte tanto na água como na terra. Porque hoje você ainda pesca, hoje você ainda caça, mas ninguém sabe mais para frente se a gente não cuidar, fica difícil. Madeira, as árvores que a gente, a gente tem, a gente está conservando, aquelas áreas para que mais na frente seja futuro da nova nação que está se criando, os netos, bisnetos porque a gente sabe que a gente já está numa idade né, mas tem os nossos netos que estão vindo aí tem nossos bisnetos que ainda estão vindo, tem os nossos filhos que ninguém sabe até aonde eles vão chegar também né? [...]<sup>18</sup>

Essas falas marcam fundo os personagens que protagonizam essas narrativas de dor, medo, desespero somados as histórias de resiliência, resistência e reivindicação, Melo (2021). Os comunitários em suas narrações também expressam sentimentos de pertencimento e reconhecimento com o lugar, nessas falas estão contidas um significado de propriedade da terra e também um sentimento de nós – nosso, o símbolo da terra uterina, o berço, abrigo, liberdade, dom de Deus, diferente de terra mercadoria, Funes (1999).

Ressalta-se que a luta da comunidade é pela titulação oficial, já que a mesma até o presente momento foi apenas certificada, pelo código IBGE 1301902, portaria 139 de 10 de dezembro de 2014, como remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares em 2014<sup>19</sup>, mas o processo de titulação ainda não foi concluído. Obteve essa certificação após um estudo realizado pelo pesquisador do município de Itacoatiara Thyrso Muñoz Araújo e o Professor Dr. Claudemilson Nonato Santos em conversa informal, nos relatou em detalhes sobre a pesquisa, este dois foram os responsáveis por produzir um dossiê e enviar tal documentação a Fundação Palmares, que a parti da Constituição Brasileira de 1988 assegura no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição brasileira que “aos remanescentes das comunidades de quilombo que estejam ocupando suas terras é reconhecida à propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe títulos respectivos”<sup>20</sup>. Este consiste no reconhecimento legal dos direitos das comunidades que ainda ocupam as antigas terras de quilombos, sendo esta uma conquista importante. Tendo em vista cumprir a decisão constitucional de 1988, o governo Lula assinou o decreto 4887 em 20 de novembro de 2003 que regulamentando o processo para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Sebastião Gonçalves de Melo, 15/09/2022.

<sup>19</sup> [TABELA DE CRQ COMPLETA - site 20\\_07\\_2020.xlsx \(ipatrimonio.org\)](#) Acesso: 17/10/2024

<sup>20</sup> [Artigo 68 - Constituição Federal de 1988 | Observatório Direitos Quilombolas \(cpisp.org.br\)](#) 18/10/2024

e obtenção de títulos dos territórios onde residiam/residem às comunidades remanescentes de quilombos citadas no artigo 68 do ADCT<sup>21</sup>.

O engajamento dos comunitários busca pela titulação e também recebe uma rede de apoio que marca o encontro e o debate de instituições que reconhecem a comunidade como quilombo e por isso a preservação desta se faz essencial, dentre estas ações foi a realização do 1º Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Estado do Amazonas, no dia 16 de setembro do ano de 2022 onde a comunidade foi escolhida para sediar. O evento contou com a direção da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), e apresentou como tema principal: “Quilombolas do Amazonas, nenhum direito a menos! ”. O encontro aconteceu nos dias 16 e 18 de setembro. Dentre as instituições convidadas, se fizeram presentes representantes da CONAQ; Associação Nacional de Quilombos para Cooperação-Negra Anastácia; Instituto Socioambiental-ISA; Fórum Permanente de Afrodescendentes do Amazonas- FOPAAM. Ausentes, Comissão Pastoral da Terra-CPT; Ministério Público Federal-MPF e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- INCRA. O evento contou com a presença de alguns representantes de cada Comunidade Quilombola do Amazonas, algumas com mais de uma liderança. O encontro mobilizou várias representatividades dos quilombos da região norte, que são comunidades que se articulam em prol da luta por direitos e reconhecimento.

**Figura 2** – 1º Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Estado do Amazonas na comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus.



**Fonte:** Registro, Lyviston Cortez. 16/09/2022.

<sup>21</sup> [D4887 \(planalto.gov.br\)](https://planalto.gov.br). Acesso: 20/10/ 2024.

### 2.3 FESTEJOS DA COMUNIDADE: FÉ & CULTURA

Um dos aspectos mais importantes para a comunidade são os festejos realizados por ela em tempos distintos seguindo um calendário organizados pelos comunitários. Dona Maria de Lurdes, responsável pela organização dos eventos e também exerce a função de coordenadora cultural do quilombo. A entrevista com Dona Lurdes, se deu em sua residência e está nos relatou que:

[...] em janeiro a gente começa a fazer nosso planejamento de trabalho, estou lá, a gente faz nosso planejamento de trabalho o que a gente vai fazer durante os meses [...] em junho nós temos é a o festejo do padroeiro da comunidade que é o sagrado coração de Jesus, e depois nós temos setembro que é Aparecida né, que ela foi achada aqui no Rio e aí o povo festeja essa parte, são 9 noites e a procissão que é fluvial, e depois nós temos a outra aparecida também que todo ano também ela é festejada no dia das crianças no dia 12 né, no dia da aparecida mesmo né [...] <sup>22</sup>

Os festejos da comunidade é uma forma de manter o vínculo com as tradições culturais destes, as reuniões comunitárias são celebradas anualmente entre estes festejos está a festa da Nossa Senhora Aparecida (que apareceu a moradores da comunidade), a festa do Sagrado Coração de Jesus, a festa da Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil e o Festival Cultural do Quilombo do Lago de Serpa (Consciência Negra), a entendermos que essa associação ao fazeres religiosos e culturais carregam símbolos do sincretismo religioso. Essas festas são vistas como espaço de múltiplas expressões, possibilitando inúmeras reflexões e interpretações. Sendo esta o lugar da tradição e da permanência, onde reaparecem os deuses e mitos, sendo reinterpretados de acordo com o tempo e espaço em que são evocados, Cunha (2002).

O Sr. Hélio em suas falas além de destacar as festas religiosas, católicas, ele também destaca a festa realizada pela comunidade no dia 20 de novembro:

[...] a gente faz é a procissão fluvial, é muito linda, as rabetas, as lanchas vão lá onde ela foi encontrada aí volta pra comunidade, e da Consciência Negra também que nós festejamos no dia 20 de novembro [...] a gente faz várias é apresentação, como é, artesanato de palha, de garrafa pet, de madeira[...] a comunidade participa, a comunidade mesmo faz [...] <sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Maria de Lurdes Cardoso do Nascimento, 15/09/2022.

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Francisco Hélio Dias do Nascimento, 15/09/2022.

Os moradores da comunidade são em sua grande maioria católicos devotos à Nossa Senhora de Aparecida e poucos são protestantes ou adventistas. É realizado no mês de setembro uma procissão fluvial, porém essa data não é oficial para a igreja católica, que festeja a santa no dia 12 de outubro. Esse festejo o qual é realizado a procissão fluvial é referente a história que confluem relatados nos trechos acima, moradores contam que Nossa Senhora Aparecida, apareceu no lago e dès de então comemoram essa aparição na data do ocorrido.

### 3. Considerações Finais

[...] ela tá sendo reconhecida, porque vocês estão aqui, vocês vão levar essa lembrança pra algum lugar, outras pessoas que já vieram, já levaram [...] Outros virão mais na frente, nós estamos aqui de braços abertos para pessoas que queiram vim, queiram conversar, queiram saber e nós estamos aqui para dizer aquilo que nós sentimos, aquilo nós sabemos [...]<sup>24</sup>

A comunidade Sagrado Coração de Jesus, auto definida como remanescente de quilombo, mostrou-se reveladora em vários aspectos, sobretudo, para compreensão de sua constituição no município de Itacoatiara. As comunidades quilombolas são tesouros vivos da história afro-brasileira. Ao longo dos séculos, elas enfrentaram inúmeros desafios, mas mantiveram viva a sua cultura, transmitindo seus valores de geração em geração. Nesta pesquisa, foram utilizadas narrações de 4 membros da Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus, essas falas comunitárias são significativas para a preservação da comunidade quanto lugar histórico, perceber a história dos negros na Amazônia, as formações culturais destes espaços de memória são fundamentais para trabalhar a historiografia do lugar e suas implicações. O trabalho de pesquisa se deu em parceria com outras fontes documentais de outros trabalhos acadêmicos e isso denota a abrangência das pesquisas acadêmicas. Assim contribuindo para a história dos quilombos na região, especialmente no estado do Amazonas.

Por meio das narrativas memorativas desses comunitários, percebeu-se como os mesmos se veem nesse processo histórico de reconhecimento, bem como em suas lutas por direitos, principalmente, em relação a titulação definitiva, como comunidade de remanescente

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida por Sebastião Gonçalves de Melo. 15/10/2022.

quilombola. Então, acredita-se que objetivo deste artigo que consistia em descrever uma parte da história da Comunidade Quilombola Sagrado coração de Jesus, do lago de Serpa, do município de Itacoatiara foi atingido. Pois, “assegurar o acesso a essas histórias é garantir o direito a memória e a própria existência” (Melo, 2021, p.34).

#### **4. Fontes Orais:**

Macedo, Ernando Soares. 72 anos, aposentado e agricultor. Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2022.

Melo, Sebastião Gonçalves de. 65 anos, aposentado. Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2022.

Nascimento, Francisco Hélio Dias. 62 anos, aposentado e agricultor. Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2022.

Nascimento, Maria de Lurdes Cardoso. 65 anos, aposentada. Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2022.

## 5. Referências

- ALBERTI, V. História dentro da História. In: Pinsky, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3 eds. Contexto. São Paulo: 2011, p. 155-202.
- ANJOS, R. S. A; CYPRIANO, A. **Quilombolas** – tradições e cultura da resistência. Aori Comunicações. São Paulo: Petrobras, 2006.
- ARCHANJO, Elaine Cristina Oliveira Farias. **Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas**. Organizadores: Arcângelo da Silva Ferreira...[et. al.]. –Manaus (AM): UEA Edições; Valer, 2015.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens** / José D'Assunção Barros: Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico** / José D'Assunção Barros. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BRASIL. Brasília. **DECRETO Nº 4.887. Diário Oficial do Brasil**. 20 de novembro de 2003. Disponível em: [D4887 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/diario/oficial/2003/11/20/dec4887.htm). 20 de out. de 2024.
- BRASIL. São Paulo. **Observatório Direitos Quilombolas**. Disponível em: [Artigo 68 - Constituição Federal de 1988 | Observatório Direitos Quilombolas \(cpisp.org.br\)](https://cpisp.org.br/artigo/68-constituicao-federal-de-1988-observatorio-direitos-quilombolas) Acesso: 18 de out. 2024.
- BRITO, Roberta Kelly Lima de. **Vapores de Mauá: A Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas (1852-1871)**. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus: 2007. Disponível em: [TEDE: Vapores de Mauá: a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas \(1852-1871\) \(ufam.edu.br\)](https://ufam.edu.br/teede/vapores-de-maua-a-companhia-de-navegacao-e-comercio-do-amazonas-1852-1871)
- Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: [liv102101.pdf \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/livros/102101.pdf) . Acesso: 03 de out. 2024
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. (Org.) **Carnavais e outras f[r]estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Ed. da Unicamp, CECULT, 2002.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br>. Acesso: 06 de out. 2024.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: : [TABELA DE CRQ COMPLETA - site 20\\_07\\_2020.xlsx \(ipatrimonio.org\)](https://ipatrimonio.org/tabela-de-crq-completa-site-20-07-2020.xlsx) Acesso: 17 de out. 2024.
- FUNES, Eurípedes A. **Áreas das Cabeceiras - Terras de Remanescentes: Silêncio, Matá, Castanhanduba, Cuecé, Apuí e São José**. Departamento de História da Universidade Federal do Ceará São Paulo, agosto de 1999.
- HALBWACHES, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Quilombolas. INCRA, 2020. Disponível em: [Quilombolas — Incra \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/quilombolas) Acesso em: 12 de out. 2024.

MAGALHÃES, Hiana Rodrigues da Silva. **O festival da canção de Parintins por meio das narrativas dos compositores: história, memória e identidades (1985-1991).** / Hiana da Rodrigues da Silva Magalhães. – Manaus: Editora Valer, 2021.

MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.**- São Paulo: Loyola, 1996.

MELO, Patrícia Alves. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia.** 2. ed. rev. Ampl. Curitiba: CRV, 2021.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos. Identidade étnica e territorialidade.** Rio de Janeiro: FGV. 2002.

OLIVEIRA, Claudemilson Nonato Santos de. **A KIPÁ E O COCAR: A rede intercomunitária judaica na estruturação urbana de Itacoatiara.** 2019. 212 f. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA. Manaus: UFAM, 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique **Dicionário de conceitos históricos / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva.** – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SUNDFELD, C. A. (Org.). **Comunidades Quilombolas: direito a Terra.** Brasília: Fundação Cultural Palmares/Min C/ Editorial Abaré, 2002.

VAINFAS, R. **Dicionário do Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Objetiva LTDA, 2000.

## ANEXOS

**Colaborador:** Ernando Soares Macedo.

Idade: 72 anos.

Data da entrevista: 15/10/2022

Local da entrevista: Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus,  
Itacoatiara-AM.

Pesquisadoras: Sílvia Renata, Emanuelle, Delciele e Fernanda.



**PESQUISADORA:** Bom dia seu Ernando, me chamo Sílvia, é, estou no quinto período de licenciatura em história, cursando licenciatura em história, também estou aí né? Estudando para ser professora, e aí a gente vai começando com a pergunta, é, sobre qual é a sua religião? O senhor pode explicar um pouco sobre a sua religião?

**COLABOLADOR:** Sim, é, é, eu também gostaria assim né de me apresentar a senhora né? Meu nome é Ernando Soares Macedo, e, a minha religião foi aquela que eu nasci, me criei que é católica eu não sou realmente, é, contra crença nenhuma, não eu não sou porque para mim ser contra qualquer religião que tem muitas, já tem é centenas, então não vai me adiantar eu dizer assim que eu sou um católico e fico fazendo o que jogando crenças de quem quer não, cada qual tem a sua, é, pela verdade pra mim o que vale mais é a fé né? É a fé que resolve-se, e a minha religião é a católica nasci, me criei né? Onde meus pais se criaram, viveram na católica e eu pra mim melhor ser dizer assim que eu, eu conhecê-lo a minha religiões eu quando eu tive em Manaus eu estudei ainda quatro meses, não sei se vocês têm conhecimento lá em Manaus com ali fica na, hoje é Constantino Nery na época que eu estava lá era João Coelho, era a igreja de São Geraldo né? Até da entrada do São Jorge na época ali a minha tia era muito católica e ela estava lá pra estudar, eu não sei jogar bola, eu não sei jogar pião, eu não sei soltar papagaio, eu não sei porque eu nunca tive tempo para isto né? E, e, eu quando depois que eu saí do quartel que eu vim embora para cá, pra Itacoatiara foi que eu casei e por sorte eu fui fazer curso no Centrepi né? Hoje o Centrepi não existe mais disque até venderam a área lá, mas na época foi quem ajudou a arrancar uns troncos de mangueira lá assim pra fazê-lo o prédio que era um prédio realmente do Centrepi, os estudantes que foi na época que começou a surgir comunidade e tal e os catequista era onde pegava os treinamento até pra ser presidente de comunidade né? Porque, e aí foi aonde eu entrei realmente nessa etapa passei sete anos estudando no Centrepi, e é isso hoje, com isto aí eu fazia as festas religiosas, né? Eu fazia tudo, o que passavam para mim fazer eu fazia né? A única coisa que eu não fazia era casamento, (risos), nem batizado, mas que o resto, preparação de casamento, preparação

de batizado né? Era tudo era comigo, era a minha área de tá na minha comunidade né? E catecismo, tudo era a minha área, era eu e esse outro rapaz que já é falecido, Antoniel, então eu fui criado, fui crescido e vivido nessa, nessas religiões, hoje eu participo, eu vou na, a minha família quase todos são evangélicos, né? Eles me convidam, eu vou lá, né? Eu não ignoro nada tudo eles falam a respeito da palavra de Deus né? E tudo pra mim é de bem não me adianta eu dizer assim ah, eles falaram tanto e tal, maltratar isso, se ele maltratou alguma, outras crenças ou até a minha o problema é deles, eu não vou comprar a questão né?

PESQUISADORA: Seu Ernando a gente já percebeu que o senhor tem muitas lembranças, muitas histórias para contar não é? Mas assim com relação à comunidade, assim qual é a lembrança mais forte que o senhor tem? O senhor poderia contar também sobre essa lembrança que o senhor tem dessa comunidade?

COLABORADOR: Olha, a nossa comunidade é como eu realmente eu já falei que, começou a comunidade, e, é em primeiro lugar, mas foi poucos meses, tinha uma escola lá do outro lado do lago que lá era o, era a escola e o catequista na época que era esse meu amigo lá o Antoniel dava catecismo, mas era só ele, ele era tudo, ele era catequista, ele era salmista, ele era leitor, ele era tudo né? Aí foi quando eu estou falando que eu cheguei de Manaus que eu fui tirado para fazer os cursos no Centrepí pra me preparar, de lá foi que viemos que fizemos esse barracão aí em frente à comunidade né? E aí, daí foi que minha mãe deu desse outro lado que é a igreja fizemos a Capela, a igreja, olha, era realmente, não tinha energia na época nem, nem pra igreja e nem pra os moradores que se sabe que a energia para todos chegou a depois de muitos tempo, a gente fazia culto, fazia novena, era com pitarina né? A gente chama de vela, aí não tinha nada, não tinha poço d'água, não tinha nada, a nossa igreja era de, ainda de madeira cercada de madeira coberta sim de Brasilit, mas era de madeira assim, era o piso igual a essa aqui direto né? Mas eu achei que aquilo não era de igreja, eu tinha que fazer realmente o poder da igreja que é ser mais alto, é? Que é o palco né? E fazer a mesa de celebração, e assim nós fomos, olhe bem a história que eu falei aqui pra, como é que é o nome dela?

PESQUISADORA: Fernanda.

COLABORADORA: Fernanda?

PESQUISADORA: Isso.

COLABORADOR: Que eu tinha uma história muito linda para contar e eu vou contar agora, eu tinha uma tia com um tio que moravam naquela estrada do aeroporto lá, que tem o bueiro lá, e aí eu gostava de pescar pegando aqueles peixinhos pra colocar, isso

é mais histórica, não dá pra pegar era, peixe de noite né? Pescar pra ele pegava pirarucu, pegava peixe liso, ele escutava bater, o igarapé corria né? E aí ele escutava bater assim na beirada do casco dele, e ele era, era cearense, ele já é falecido, ele era cearense, um cearense sempre tem aquelas expressões (risos) diante de nós amazonense né? E já, mais, porra, mas que bate aí? E a minha tia era muito católica, aí ele espiou era uma santa, era uma santa, eu não sei se vocês são evangélicas, de outra crença ou são católicas.

(múrmuros)

PESQUISADORA: Eu me chamo Emanuela, sou acadêmica do curso em Licenciatura em História estou no quinto período.

COLABORADOR: Sim.

PESQUISADORA: É, o senhor se reconhece como um remanescente quilombola? E o que isso significa pro senhor, o senhor pode nos falar um pouco?

COLABORADOR: É, deixa eu também me representar né, porque senão a senhora vai ficar conversando só quase histórica não sabe com quem né?

PESQUISADORA: Isso.

COLABORADOR: Olha, o meu nome é Ernando Soares Macedo né, Soares Macedo, Soares é pela parte da minha mãe e Macedo pela parte do meu, meu pai, e, a senhora sabia que o meu maior orgulho hoje porque eu passei a conhecer o, os sofrimentos, os valores, o direito que minha família e meus avós tinham, e eles eram usados como se sabe que eram usados os escravos né? E hoje realmente eu sou aquela pessoa que eu, dizer assim, poxa, por que que ele se orgulha de ser essa pessoa? Porque realmente eu venho pensando e hoje nós já, já se enxergamos muito diferente daquele tempo que eles era usado como, nem cachorro na época era usado, como eles eram usados, nenhum tipo de animal, os escravos eles eram usados e até abusados das maneiras tão triste que quando a gente lembra, eu fui dá uma palestra lá num barranco, lá tem um, um quilombo né em Manaus, Praça 14, e, eram as professoras, que eram doze professoras e aí quando chegou no meio assim as pessoas perguntou, estavam lagrimando, sabe por que que chega um ponto desse? É em reconhecimento realmente de nós ser, ser humano e ser usado das situações que era usado pra hoje a gente é diferente, por isso que eu me orgulho de ser um quilombola.

PESQUISADORA: Que bom né? É, quais os problemas a comunidade têm enfrentado e sobre os quais você gostaria de nos falar?

COLABORADOR: Olha, a, a comunidade é a como gente ainda agora acabamos de falar que ela tem sofrido as necessidades, é, passaram pelos uma dificuldade tremenda né,

muito difícil, eu, eu perdoo pelo uma parte e por outra eu não perdoo, mas fico entre, entre aspas minha situação de pensar isso. Porque, este lago aqui, essa comunidade aqui, este rio aí, é rico de fartura, muito rico, eu nas primeiras sugestões de presidente eu, eu criei aí uma ata, que eu criei uma proibição por ataque do pessoal mesmo de fora, da cidade, já jogando, estavam colocando rede aí e era difícil, era difícil, o pessoal da comunidade vinham se queixar pra mim e tal e aí eu entrei no IBAMA e consegui, lutei, lutei, mas eu consegui afastar as pessoas e ficou uma riqueza de farto, farto, farto medonho, e, com esse condomínio que acabamos de falar aí a primeira coisa que acontece aí, que já está tendo né, é uma poluição, e acabar com essa fartura. Nós temos os exemplos que sempre eu coloco, é em reunião pra pessoas assim duvidosas que nós temos que em Manaus tem o (inaudível), que quando eu estava no exército lá que eu passeava num botezinho aprendendo a atirar né? Água linda, água preta, água preta né? Aqueles igapós lindos hoje dia em Manaus, não tem como você nem meter o pé lá, aqui na nossa Itacoatiara o Juary, eu conhecia ali, atrás daquela igreja Nossa Senhora de Nazaré lá, os caras pescavam ali, faziam pesca ali no tempo da cheia pegando peixe, hoje, quem que tem coragem de meter o pé ou mão ou tomar um banho naquela água, sabe como é o nome daquilo? A poluição, a mesma coisa aconteceu nesse lindo lago aqui, rico de fartura água uma cristalina e é pior e talvez você nem saiba o abastecimento de água de Itacoatiara é rede de água puxada do lago de Serpa, e a gente deixar acabar isso aí? É a questão de eu segura-lo pra não deixar que isso aconteça, porque se tem conhecimento, e eu falar assim que eu perdoo, porque ele diz assim, ele é muito, com licença da palavra, é besta de tá lutando por isto aí, não é isso! As crianças que estão sendo revivida, hoje já se soube, já se está nessas coisas, mas na frente que que é das nossas, nossas crianças? Dos nossos jovens né? Segundo as perseguições, que a gente não pode acusar ninguém que já vem os caras, não! Nas perseguições ali o Jacarezinho, aqui aquele bairro ali aquele amigo que tem bem ao lado vocês passaram lá? Espiam aquela casa lá, um grande amigo nosso ali viviam num conforto muito legal, ele já chegou Ernando, o que que tu faz pela gente? Cara, nós tiramos até minha mãe daqui, não aguentou, nós não podemos deixar a sandália, ela não pode criar nada! Está aí acabado né? Tiramos até minha mãe daqui ela já até faleceu, morreu a Covid pegou ela lá pra Manaus, D. Belinha né? E, então o mesmo pode acontecer aqui se a gente não tomar as providências, mas é esse, essas contra das pessoas que tão ao lado daquela condenando pelo uma riqueza, realmente apagada porque aonde que esses caras e pegar e dá esses emprego mas uma conquista, teve aqui uma reunião aqui nessa sede aí, eles colocaram um “paredão” lá muito prometendo lá na sede

que iam fazer outras sedes, iam mandar fazer uma quadra pras crianças da escola, iam mandar fazer, ampliar uma escola muito melhor de que aquela, isso aí tudo foi uma conquista ,só que na hora eu fui em Manaus e trouxe o juiz federal de lá ele tinha pra mais de duas mil pessoas deles que era pra derrubar lá a comunidade, pra acabar lá a comunidade social, como é, a comunidade quilombola né, e ele veio, quando chegou aí ele teve um tapa muito bom, ele disse, eu não vim pra conversar com nenhum da social aqui, vocês tudo pra fora! Aqui eu vim pra conversar com os quilombolas, o seu Hernando aqui é que é o presidente aqui pode saírem! (risos) Então essa que foi a demanda...

PESQUISADOR: Hoje em dia seu Hernando o senhor está empregado?

COLABORADOR: Não, eu não tenho emprego, mas eu sou aposentado já.

PESQUISADORA: O senhor já é aposentado.

COLABORADOR: É. E é só o que me aguenta aqui é essa aposentadoriazinha.

PESQUISADORA: Então essa é a principal renda da, da sua família?

COLABORADOR: É, sim.

PESQUISADORA: E daqui o senhor planta alguma coisa?

COLABORADOR: É, eu planto a roça né?

PESQUISADOR: Hum, rum.

COLABORADOR: Planto a roça, porque realmente o interior você tem que plantar, se você mora na vargem você tem que plantar uma verdura né? E, vive da pescaria né? Chega a época, é muito importante a vida das pessoas, diferente, da vargem quando chega o tempo da seca, eles trabalharam na horta plantando, quando chega a cheia eles, quando chega o tempo da cheia aí eles viram pra pesca né?

PESQUISADORA: O senhor tira é, algum lucro do que o senhor planta?

COLABORADOR: É, bem pouco porquê...

PESQUISADOR: Bem pouco.

COLABORADOR: Eu por sinal, faço mais, é só pra comer e ajudar a família.

PESQUISADORA: Isso. Como você, como o senhor vê os projetos de ações sociais e políticas públicas voltadas para comunidade quilombola?

COLABORADOR: Olha, eu vejo diferente da social porque o quilombo né? É federal, é diferenciado da política, é, da política, vamos dizer na social ela, ela só é a área política, é, no estado, do estado é só o manejo da cidade com prefeito, com a comunidade né?

PESQUISADOR: Hum, rum.

COLABORADOR: Prefeito com a comunidade, e, e isso aí pra mim foi muito ótimo eu ia ter essas duas divisão e o quilombo passa a ser federal, mas não temos nada aí, pelo

contrário, a gente vive perseguição, na maneira seguinte porque tem essa mulher que disse que é presidenta e o prefeito eu não tenho nada contra ele, porque ele olha a parte dele né? Ele olha a parte dele já que ela é presidenta da social que é do estado então ele é ele luta pelo estado, então eu posso me rebolar lá bem daqui agora só que eu é lá em Manaus, tudo eu passo fio como diz o, pra lá, e lá é resolvido, né? E lá é resolvido, e a federal é diferente, né? Agora pela pandemia aqui é essa coisa que teve o Covid? Olha, era rancho, rancho aqui, eu queria que você visse né? Eu empilhava tanto rancho como os materiais que vinham pra, do Covid, eu empilhava dentro de quatro toneladas e meia de rancho pra mim distribuir, mas só que era só pros quilombolas, as injeções pra os quilombolas, isso da, deu maior bronca, que quando chegou a, primeiro as injeções que vinham pros quilombolas, era com quem vinham pros indígenas, aí ela correu lá na assistência social, aí em Itacoatiara no posto do interior, condenando a agenda de saúde que ela dava injeção só nos quilombolas e os outros ela não dava, mas se só vinha pros quilombolas.

(risos)

Aí foi um vira e mexe que eu tive de ir lá, dizer porque que era só os quilombolas, né?

(risos).

Ai, a luta é grande!

PESQUISADORA: É, quais as festas celebradas pela comunidade? O senhor sempre, é, assim frequenta as festas com sua família?

COLABORADOR: Sim, frequento!

PESQUISADOR: Assim, da comunidade?

COLABORADOR: Sim, porque realmente é católica né?

PESQUISADOR: Isso.

COLABORADOR: Eu sou católico.

PESQUISADORA: E quem é que organiza? As festas? Geralmente, assim?

COLABORADOR: Não, porque agora como eu já saí da igreja...

PESQUISAORA: Hum, rum.

COLABORADOR: É, e até mesmo o presidente da comunidade social, nós temos o coordenador da igreja, né? Normando Vieira é o coordenador da igreja, eles fazem uns eventos muito bacana!

PESQUISADOR: É, em primeiro lugar eu quero me apresentar mais uma vez eu me chamo Delciele, sou acadêmica do curso Licenciatura em História, estou no quinto período, formação como professora, e, eu gostaria de saber em primeiro lugar o seu nome?

COLABORADOR: Olha, o meu nome é Ernando Soares Macedo.

PESQUISADORA: Sua idade?

COLABORADOR: A minha idade 72, faço 73, dia 17 de agosto né.

PESQUISADORA: É, o senhor é casado?

COLABORADORA: É, fui casado, agora sou viúvo.

PESQUISADORA: Tem filhos?

COLABORADOR: Tenho, tenho 11 filhos.

PESQUISADORA: O senhor estudou?

COLABORADOR: Estudei até a quinta.

PESQUISADORA: É, qual foi a sua experiência como estudante?

COLABORADOR: As minhas experiências como estudante que é realmente na minha época de estudo né as, as aulas era, tinha poucas experiências como hoje tenho né, muito pouco, eu acho assim, que era mais, era mais as aulas é levada era, histórico não chegaram pra mim as histórica né como hoje é levada às aulas todas as aulas que estão fazendo na faculdade é levado os conhecimentos históricos não é? De pesquisas, com pesquisa e os estudos acompanha as históricas de saber por que que tem muitos professores até hoje que diz que não existe quilombo, não existe, os índios eles contam as histórias dos índios né? Porque é uma história muito fundamental dos índios, você sabe muito bem que a parte indígena foi a, é, os índios foram os primeiros brasileiros, você sabe muito bem que até antes de os “portugais”, dos portugueses chegar ao Brasil a terra do Brasil já era habitado pelos índios, os primeiros brasileiros foram os índios, vocês sabem disso né? Agora de quilombo que era realmente dos escravos isso era muito esquecido, sabia que tinha os escravos, mas, não caía dentro realmente como hoje, dentro dos estudos e hoje não, são reconhecidos né? É por isso que vocês, pelo menos um caso vocês já estudaram, vocês já tem alguma ativi..., conhecimento dentro desses conhecimentos dos quilombolas né? Vocês estão entrando na faculdade, já fizeram, mas, estão tendo com pesquisa e com estudo, isso tudo, tudo cai dentro da realidade dos quilombolas que era aqueles escravos, os escravos foram liber..., liberados, quer dizer reconhecido como escravos valorizados depois de mil e quinhentos né.

PESQUISADORA: É, só uma outra pergunta, o senhor tem alguma profissão?

COLABORADORA: Eu tive muitas, eu esqueci porque as profissões que eu aprendi, vim pro interior e não me serve no caso, mas eu fui internado um ano e seis meses numa oficina mecânica que é onde eu aprendi a ser um profissional de eletricidade é, de, é, encanador, funileiro né? Trabalhar com isso, tudo isso eu aprendi, pintor, tudo isso eu fui profissional porque eu entrei nesse, um ano e seis meses nesse estudo nessa, nessa

profissão passei ser profissional dentro desta área, mas eu vim pro interior que energia só era a minha casa né? Carpinta..., quer dizer, carpintaria não entrou na minha área, no meu estudo, pedreiro, eu entendo de obra e antes de eu fazer uma obra eu já sei como é que eu vou fazer aquela obra, porque dentro daquele estudo que eu caí dentro daquela obra, daquele estudo, mas eu vim pro interior e minha profissão aqui foi virar, ser agricultores, criei a família, fiz uma família, esse terreno aqui é próprio meu né? Isso tudo aqui desde lá da estrada vem sendo meu lá essas terras, porque realmente dali pra lá foi dos meus pais mas teve um tempo aí que quiseram tomar dele e eu entrei em assunto com advogado e tornei de volta que não teve por que, aonde é uma residência que eles nasceram e se criaram já tinha até essa comunidade, e o cara chegar dizendo assim que ia tomar e só fazer, despejá-lo eles e não teve porque eles terem razão de ganhar não, e aí passou pro meu nome porque minha mãe já tinha 76 anos né? Não podia também, meu pai já era falecido, e eu ganhei a causa, mas o que é que eu fiz perante a justiça? Eu digo eu não quero um palmo de terra, eu quero é que meus irmãos e a minha mãe fique realmente, é, no sossego deles, morando junto aí, tudo isso é só uma família isto aí, já loteei tudinho, tá aqui isso é teu, esse é teu e acabou-se e aí eles estão e esse aqui é meu mesmo, isso aqui foi antes, depois que eu casei que eu ganhei essa, esse terreno, ele tem duzentos e cinquenta de frente por mil e dez de fundo.

(múrmuros)

PESQUISADORA: Então, seu?

COLABORADOR: Ernando Soares Macedo.

PESQUISADOR: É, eu me chamo Fernanda também sou graduanda do curso de Licenciatura em História, tô me formando professora, então eu vou continuar aqui a...

COLABORADOR: Sim.

PESQUISADOR: A entrevista, é, o senhor nasceu mesmo aqui no, nessa comunidade?

COLABORADOR: Ó, eu, eu não posso dizer que eu não nasci, eu nasci lá em Itacoatiara, pense bem, eu nasci bem em frente a igreja que hoje é a igreja de Nossa Senhora Nazaré, na época aquilo ali era um cerradal que se chama capoeira hoje né? Aquilo era um cerradal, e eu tinha uma tia que ela residia lá, morava lá, e na época as mulheres do interior quando elas, elas eram para ter bebê elas saía tudo pra cidade porque não tinham hospital, não tinha acesso, né? Aí elas saíam porque tinham as parteiras profissionais lá e realmente até hoje eu me lembro do nome da minha parteira que era, chamava, era Pulucas, chamavam Puluquinha pra ela e lá, lá foi aonde ela assistiu com a minha mãe e eu nasci ali, mas com sete dias vim pra cá pro Lago de Serpa, então aonde me perguntam, não, eu

nasci no Lago de Serpa, mas eu nasci lá em frente a igreja de Nossa Senhora de Nazaré, ali que é, ali já é o Jauary né? É uma área ali.

PESQUISADORA: Qual o ano do seu nascimento?

COLABORADORA: Eu sou de cinquenta e três, (barulhos) eu sou, eu sou de dezessete de agosto né? Dezessete de agosto, deixa eu vê aqui, tô até esquecido, (barulhos) repare aqui como é que tá, tá tão ruim.

PESQUISADORA: Dezessete do oito de mil novecentos e quarenta e oito.

(Risos)

COLABORADOR: Obrigado, quarenta e oito.

PESQUISADORA: Então o senhor reside aqui na comunidade desde esse ano né?

COLABORADOR: Desde este ano.

PESQUISADOR: Ok. É, a sua família já morava aqui então né?

COLABORADOR: Já, eu acho, eu gostaria assim de, de falar a respeito por que que é um Quilombo também né? Então por que, que realmente eu sou um desses descendentes de escravos, porque na época nos estudos que, que, que realmente teve as fugas dos, dos, dos quilombos, como é, dos escravos, você sabe que eles vieram fugido, né? Que a minha descendência é mesmo é, é da África.

PESQUISADORA: Entendi.

COLABORADOR: Entendeu? Aí, Itacoatiara chegaram em Itacoatiara, aí eles fugi..., quando o barco navio que vieram, atracaram em Itacoatiara, na história conta que foi ali vocês sabem mais ou menos onde é a Praça do Relógio, ali aquilo tudo era mato, eles ganharam a mata, aqui quem vem pra Colônia né? Que é aquela, aquela rua lá como é que passa, as 18 né? Que chama, aquilo era mata, eles fugiram e vieram pro Lago de Serpa se localizarem aqui escondido aqui no Lago de Serpa né? Isso aí eu não sei a década, qual foi da era, do ano né? Porque na pesquisa da, de cento e cinquenta anos que foi acontecido isto, meu avô era José Capitulino de Macedo, aí ele veio e, primeiro pararam lá perto fizeram lá tem uma baixa lá que ele chamava até a baixa lá, eu passando já depois de adulto lá e o meu pai dizia, aqui que teu avô quando vieram eles se localizaram aqui, meu pai tinha a idade de quatorze anos, aí eles deram o nome dessa baixa, como baixa da egua eu não sei por quê? Aí foi que ele veio morar aqui, bem aqui aproximado, daqui de lá dá uns cinquenta metros, bom, aí o meu pai com essa idade, aí eu não sei como eles se acharam aí com a minha mãe né? E casaram, né? Casaram, e o meu avô faleceu de idade, veio a idade né? E ele, meu pai ficou, morreu com setenta e seis anos, né? E eu já tô com setenta e três aqui, então não tenho pra onde ir, e com isso aí os estudos através eu tive,

eu tive aqui, é, uma função muito forte de carvoaria na época, porque não era proibido, não era proibido realmente o manejo do carvão, dessas coisas, foi aonde foi reconhecido o trabalho de carvão foi através de nós, eu na verdade sou um dos maiores profissionais de carvão, faço até remédio do carvão, eu faço do pó do carvão virar pedra de carvão, e aí, tem cartazes aí da época da, do meu trabalho que era apoiado pela prefeitura, eu tinha parcerias, parceria com a prefeitura, tinha com o Meio Ambiente que era na época o IBAMA, todos os órgãos, lá tá os órgãos naqueles cartazes de lá que foi a minha função, e eu trabalhava nesse manejo aí, e passei a ser um dos melhores profissional do carvão, porque carvoeiro todos podem ser, pode aprender fazer, mas sabê-lo, é, as madeira, é, que são as madeiras especiais pra fazê-lo sem “prejudicamento” de nada é preciso que conheça né? Você sabe que todo profissional pra ser profissional é preciso que conheça, né? E essa foi a vida aí trabalhando com agricultura, na agricultura, plantando roça, arroz, milho, tudo isso aí eu criei a família com esse manejo, até hoje.

PESQUISADORA: Então, é, como é fazer parte da comunidade, da comunidade Sagrado Coração de Jesus, me conte assim como é essa experiência, de fazer parte dessa comunidade?

COLABORADOR: Olha, a comunidade, a comunidade, a social, é, eu fui vice-presidente duas vezes, como é, eu fui presidente duas vezes, e fui presidente desta comunidade três vezes, tudo o que vocês verem aí dentro dessa estrada não foi feita por mim não, mas foi feita dentro da minha administração porque quando eu assumi aí de catequista, eu fiz dezoito anos, curso no Centrepí com na época do Dom Jorge ainda, né? E era eu e outro rapaz que ele é falecido o Antoniel, era, era bem do outro lado aí da comunidade, era um campo de futebol aí, aí fizeram uma sede, a zona, sede assim, um, nós chamamos de Barracão coberto de palha né? Era amplo né? A gente fazia, eu fazia o curso ali, comecei de lá, aí foi criando a comunidade social, que é a comunidade que existe hoje, mas como hoje já é realmente um território aqui, olha esse Quilombo no Brasil, trezentos e sessenta e seis por aí assim, Comunidade Quilombola, ela tá em segundo lugar, ela é a, uma das maiores documentadas e legalizada que tá, é essa aqui, né? Agora você, se a senhora interroga pra saber como? É, não pode ser qualquer uma pessoa que chegue para ser um, pode ser, até um japonês pode ser um já..., até um alemão pode ser um quilombola, só que depende de querer, dizer assim eu quero me reconhece-lo, porque a senhora pode nascer lá no Japão, mas se a senhora chegar no Brasil e dizer eu quero, eu quero me registrar com uma brasileira, acabou-se, a senhora vai ao cartório, juízo lá, eles registram como brasileira, a senhora não vai dizer, olha, eu não quero nem papo mais com o Japão,

como é, com o Brasil porque eu nasci foi lá e a minha terra é lá, sim, ame lá, mas a senhora já é a mesma situação do, do quilombo, aí depois que a senhora passa a ser reconhecido no INCRA, que é o INCRA que vem e faz os seus documentação, se a senhora for casada a senhora vai sair reconhecida lá como casada, se a senhora é, por exemplo tem um amor lá mas tá vivendo, olha, e aí vocês vão fazer um, o que que vocês vão fazer? Eu não posso pegar e fazer o documento de vocês, só se você quiser, fazer o reconhecimento de você, você tem um companheiro, que se chama amigado né? E, se você quiser fazer independente do seu amor lá, eu faço, mas só que no caso você não vai ter direito, ele lá não vai ter direito de nada s juntaram, aí trouxeram uma pessoa de fora né? Que dava até o nome de Milena, ela era indígena, trabalhava em área indígena, ela não tinha conhecimento com o quilombo, ela não tinha nada de conhecimento de quilombo, era indígena né? E aí ela com a conversa dela, ela conquistou a comunidade todinha, pra realmente, a favor realmente dos empresários aí, mas, um, uns historiador que a gente já estava mais ou menos tendo os conhecimentos que índio é índio e quilombola é quilombola é outro estudo, que eu pra mim entra-lo realmente de presidente do quilombo, eu tive, eu tive de ter realmente um conhecimento que que era um quilombola e o que que era indígena, não, hum, porque poxa, todos esses ano eu lutando pela essa comunidade, né? Fazendo, lutando aí por esse povo aí, e eu fazer uma fogueira e jogar eles lá dentro e ficar rindo, não, não é por aí eu tenho que saber o que que significa, por onde é melhor, se é parte social ou se é a parte quilombola, aí depois tive um estudo de oito meses aí, né? Oito meses estudando a significância de o que é a significância de quilombo, tudo isto aí, eu fui tendo conhecimento igualmente a vocês, até a altura de estudo que vocês já tão, até desde pequeno eu acho que começaram com os cinco anos, seis anos até onde vocês tão, aí o professor Claudemilson que é o historiador daqui disse (inaudível) disse, não senhor Ernando tudo o que está acontecendo é errado, isso aí não pode, a conquista é diferente, eles falando aí que dá emprego de carteira assinada de doze anos pra esse povo, poxa! Se a senhora compra uma área de terra, é seu, a senhora não vai pegar e assinar um documento né? Pra mim ficar trabalhando doze anos lá, a senhora vai botar quem quer para fazer o trabalho, não é por aí não! Outra, que isso é errado, ela é indígena, a pior que ela, a gente até ficou com pena depois quando a gente viu, o, o, o coiso dela, ela foi embora, né? Tiramos ela na marra, vai e sai, né? Ela morava até aqui era uma índia ela, aí, aí foi que nós partimos pro quilombo né? E aquelas pessoas que estavam conquistados se revoltaram contra nós, aí a sede a lá, aquela sede da comunidade eu não podia fazer reunião lá, nós mandamos buscá-lo uma, uma, uma senhora de fora pra vim dá estudo e

conhecimento pra ver se conquistava o pessoal pra tirá-lo daquele, porque primeiro que ia ser destruído aí, era este lago aí, né? Era esse lago aí, isso aqui nós não íamos mais ter esse sossego que nós tínhamos, porque passava daqui lá, dá uns cem metros daqui lá, né? E aí se formasse aí um bairro aí, uma coisa, vocês verem como Itacoatiara tem, nós temos um exemplo que a gente escuta todo dia aqui, pelo, ali no bairro da Paz né? Um bairro aquilo ali, pra todo mundo tá sossegado, vivendo sossegado, mas tem os de bem e vai os de mau “aporrinhar” lá, né? Imagine isso aqui, aí a gente botou pra cima com o professor Claudemilson, fomos pela lei e tal, e eles ficaram, não deixavam eu fazer a reunião lá, mas aí a gente trouxe a senhora de Barreirinha pra esclarecer o que é, e até hoje, aí eles fizeram, criaram uma presidenta lá, ela é, ela é, uma mulher que ela vai com outra mulher lá, horrível! Ela parte em cima de mim assim pra me dar paulada, mas ela, eu sei qual é o sentido dela, sabe que se eu bater na senhora, a senhora tem como (risos) xadrez né? Não posso mais bater, ninguém pode bater em mulher assim, e ela para ganhar direito, ela, fizemos três reuniões lá, ela partiu em cima de mim pra me bater e eu escorava ela, e eu dizia eu não vou bater na senhora não, você é louca? Mas era para me bater nela, para ela me prender, é horrível! é horrível, é horrível, é horrível! Só que pelas leis do quilombo né? Teve lá na boca, o INCRA veio para fazer os trabalhos eles não deixaram, pararam lá fora, quiseram até atirar no, no INCRA, naquele, foi aquela coisa, então esses são as entrevistas que eu posso passar pra vocês pra saber como é que funciona o quilombo em perseguição, e o conhecimento da minha parte né? E, são essas.

PESQUISADORA: Então, é, quais questões e problemas, é, são mais discutidos pela sociedade, pela, pela comunidade?

COLABORADOR: Olha, a, o, os problemas mais, é, questionado é só isso aí, é, de ser um quilombo e ser uma social né? Que eles ainda querem, aqueles pouquinhos que seja social, né? E aonde eles já não têm mais direito porque já é realmente, só estamos esperando a titulação, já fez todos os períodos, tudo, tudo, tudo, começa lá, lá daquela entrada da estrada do aeroporto, ali não tem o Posto Letícia ali? A terra é um dom, e eu quero que corte mais para lá, porque tem umas famílias lá em, muito sofrida, principalmente da água, eles não têm água, eles usavam o poço que era pro Ronaldo né? Pra você ver quanto que é o rico né? Ele, o chefe lá trabalhava pro Ronaldo só, assim eles se queixavam, não sei se é verdade, só a custa da água que eles usavam lá do poço dele, agora o Ronaldo com isso aí, ficou bem, ele vai ter isso aí né? aí vai fechar o poço, e eles coitados, disque dá mil e oitocentos metros pra pegar água, já pensou? E a gente quer passar, eu quero que passe para o (não entendido), porque pelo quilombo a gente consegue

muitas coisas favorecido, eu, eu fico pensando, é, é na maneira seguinte, a gente faz tanta dificuldade pra ir em Manaus conseguir o curso pra funcionar aqui pra melhoria! Mas, é, sei lá, o ser humano nem todos que eles se interessam pra viverem feliz, puxando o curso pra cá, pago por hora, pra criar galinha, pra plantar horta, pra trabalhar com artesanato fazendo coisas, teve uns que ainda plantam horta, teve outros que ainda criaram galinha, e o resto, mas, né?

PESQUISADORA: O senhor poderia me dizer, é, o senhor está falando diferença entre o quilombo né? E a, e a... social, a parte social, o senhor poderia me dizer qual essa diferença? A diferença dos dois?

COLABORADOR: A diferença é como eu já lhe falei, é porque eles ainda tão acreditando, e tão do lado dos empresários, porque eles dizem assim, poxa! nós podendo de tá trabalhando com carteira assinada há doze anos? (risos) Inocente! Segundo, aqui eles não participam de reunião dos quilombos, e aquilo que a gente não, não participa, a gente não sabe, se a senhora participa, a senhora sabe, né? E se a senhora não participa, a senhora não sabe, né? Então são essas coisas, olha, aqui, aqui só mora eu e Deus e meu cachorrinho, aquele alegre que chegou junto de vocês aí, é só eu, a família é grande, minhas filhas, mas mora, tem três, duas que mora lá em Itacoatiara, não é? E por causa realmente dessa questão de a gente passá-lo de quilombo, era de social pra quilombo, meu movimento aqui que era um manejo de carvão, eles denunciaram, entrou numa questão muito forte que eles me denunciaram em Manaus porque aqui, é, aqui eu tinha todo apoio daqui, quando eu dei fé, a Federal chegou aí pra me levar preso, toda a verdade que aí a minha filha, uma que tem um comercio logo aqui na entrada, ela estava lá também na carvoaria, e a, quando eles chegaram, e eu estava pra Itacoatiara, quando eles chegaram aí tudo armado pra me levar preso, né? Aí ela pá, ligou pro nosso historiador que é o professor Claudemilson, e ele veio na hora e chegou, não, vocês daqui vocês não levam o seu Ernando não, não levam ele, que ele é Doutor né? Ele é Doutor, ele é, aí, e o senhor Ernando aqui, vocês pra levarem seu Ernando daqui vocês tem que levar todinha essa comunidade, foi ele que criou essa comunidade aqui, ele que, tudo o que existe aqui foi dentro da, realmente do, da luta dele, e essa família que vocês trabalham aqui, é o sustento que tem o senhor Ernando ele tem muito direito em cima desse, vocês não levam, e eles não me levaram, passou uns três meses chegou uma multa de vinte mil, e eles trouxeram advogado de Manaus do, pra, pra mim pagar essa conta, só que os pessoal que viram dentro realmente já da nossa, é, organização dos quilombos eles paravam aqui duas semanas, três semanas, vinham desde os guardas né? Vinham guardas, eles ficavam aqui,

aí quando eu cheguei lá, eu levei, o nosso advogado é o Rosquildes né? Aí, era o motorista deles, era o motorista que trazia pessoas pra cá, isso não, nós que deve pro seu Ernando, o seu Ernando não tem conta a pagar, vinte mil, poxa, nós passa duas semanas lá na casa do seu Ernando, tem um maior conforto lá, e agora nós mandar, eu trazer você pra condenar esse homem, aí o advogado entrou com as ações né? Independente, acabou o amor, mataram lá, e graças, então são essas que são a, as, as contrapartes, coisa contra o quilombo por causa ainda dessas “piração”, né...

**Colaborador:** Francisco Hélio Dias Nascimento

Idade: 62 anos.

Data da entrevista: 15/10/2022

Local da entrevista: Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus, Itacoatiara-AM.

Pesquisadora: Hiana Rodrigues da Silva Magalhães.



PESQUISADORA: qual o seu nome meu nome?

COLABORADOR: meu nome é Francisco Hélio da Silva do Nascimento

PESQUISADORA: quantos anos o senhor tem?

COLABORADOR: 62 anos

PESQUISADORA: o senhor é casado?

COLABORADOR: sim!

PESQUISADORA: tem filhos?

COLABORADOR: tenho, 2 filhos

PESQUISADORA: 2 filhos né... qual é a sua profissão seu Hélio?

COLABORADOR: bem, a minha profissão que que eu mais gosto mesmo é agricultura, mas eu sou técnico em enfermagem já estou afastado sou esperando a aposentadoria já, trabalhei 40 anos no Hospital Jose Mendes aqui em Itacoatiara, eu sou funcionário desde da época e de 1980 de 80 foi quando entrei no hospital eu tinha 20 anos de idade

PESQUISADORA: você estudou?

COLABORADOR: sim!

PESQUISADORA: até que serie foi?

COLABORADOR: eu tenho o ensino médio completo

PESQUISADORA: OPA! Dei no tapa aqui... (barulho de aparelho)

PESQUISADORA: ensino médio completo né

COLABORADOR: ensino médio completo sim senhora

PESQUISADORA: hum..., mas o senhor estudou aqui todo o tempo em Itacoatiara?

COLABORADOR: eu por incrível que pareça eu comecei é estudando aqui aí em 2... em 1996 eu fui para transferido pro é Novo Remanso mas que foi é aqui eu fiz a primeira a quarta série a é aqui no interior, daí eu fiz o é o é o acelerado na época né

PESQUISADORA: acelerado...

COLABORADOR: o é o é o acelerado na época né acelerado lá no colégio Mendonça Furtado lá concluiu o ensino fundamental, da quinta a oitava aí eu fui para o Novo Remanso aí fui transferido pro é para o Novo Remanso

PESQUISADORA: em que ano foi?

COLABORADOR: em 1996 foi por 96

PESQUISADORA: 1996 né

COLABORADOR: é! La eu dei continuidade no meu estudo, mas não terminei

PESQUISADORA: o senhor terminou com quantos anos, já foi adulto?

COLABORADOR: eu terminei com 60

PESQUISADOR: com 60 anos

COLABORADOR: 60 anos aqui, terminei aqui na comunidade

PESQUISADORA: o senhor fez curso de graduação?

COLABORADOR: não senhora

PESQUISADORA: o senhor nasceu a aqui na comunidade?

COLABORADOR: nasci aqui na comunidade, nasci e me criei aqui

PESQUISADORA: qual foi o ano mesmo?

COLABORADOR: 1960

PESQUISADORA: 60 né... um pouco dessa história aí dos seus familiares né eles já estavam aqui...

COLABORADOR: meu pai...

PESQUISADORA: ou sempre residiram aqui na comunidade, nessa área?

COLABORADOR: o meu pai ele chegou para cá em 1953 quando meu pai chegou para cá ainda existia alguns quilombolas aqui dentro da...

PESQUISADORA: ele era o que ele era?

COLABORADOR: o meu pai ele tinha uma mistura de cearense com amazonense

PESQUISADORA: hum... ele veio do qual estado?

COLABORADOR: o meu pai ele... bem isso aí eu não sei muito bem de explicar, mas o meu pai ele eles moravam aqui no interior aqui na Costa do Amazonas que chamavam Paraná de Serpa

PESQUISADORA: hum...

COLABORADOR: lá eles moravam minha mãe era de Maués, minha mãe, não sei como se conheceram aí sei que quando eles chegaram pra cá eles tinham um filho só que nasceu lá nesse Paraná de Serpa que é o meu irmão mais velho que já morreu é o Antônio Luís, ai de lá veio Maria da Luz que já foi aqui no Lago de Serpa, minha irmã tem uns 60... 62...64... 66 anos, a minha irmã tem já nascida aqui dentro, daí eles formaram a família deles morando aqui no lago de Serpa, não era aqui ficava mais ali em cima um pouco o terreno deles ai o meio de sobrevivência aqui antigamente passavam de telégrafo aqui nesse Rio aí eles começaram a retirar esses cobres do fundo do Rio aí um ia com uma canoa e puxava... puxava aquela rede e quando enchia a canoa cortava o outro pegava e daí... aí quando terminou e se passaram a sobreviver da lenha da tiração da lenha aqui antigamente o era o transporte fluvial, navios no caso eles eram movido a vapor

PESQUISADORA: hum...

COLABORADOR: era...

PESQUISADORA: precisava de lenha

COLABORADOR: lenha, aí eles tiravam a lenha levavam lá pro Centenário...

PESQUISADORA: isso é uma memória do senhor criança ou ouvia?

COLABORADOR: não, memória de eu criança

PESQUISADORA: isso foi em qual ano?

COLABORADOR: isso aí foi de 1950 na década de 1958,1957 de 1953 a1960

PESQUISADORA: hum, ta

COLABORADOR: isso aí eu não vi, quer dizer a lenha já eu vi a lenha é aproximadamente 6 anos, 6 pra 7 anos, que até meu pai também...

PESQUISADORA: o senhor trabalhava também?

COLABORADOR: não, eu só acompanhado meus pais já era lá pra Itacoatiara eu ia junto com eles na éramos poucos filhos a mamãe tinha nos éramos 4 filhos aí depois ela teve mais 4 filhos, mas aí quando terminou a lenha passou a ser o carvão

PESQUISADORA: carvão...

COLABORADOR: carvão, a sobrevivência através do carvão aí é se extraia a madeira faziam é o carvão isso aí eu já eu já era gente já, trabalhei muito com meus pais

PESQUISADORA: menino?

COLABORADOR: é menino eu já tinha uns 10 anos 12 anos aí eu já acompanhava eles já para é ajudar

PESQUISADORA: sim!

COLABORADOR: na época...

PESQUISADORA: já era normal né crescer e ajudar

COLABORADOR: sim, na época nós não tínhamos motor era no remo mesmo

PESQUISADORA: hum...

COLABORADOR: a gente saia daqui de madrugada pelo esse igarapé que vocês passaram vocês não passaram ali não, mas tem um igarapé que vara lá no Centenário aqui

PESQUISADORA: mais pra lá...

COLABORADOR: entra aqui e vara lá no Centenário, então era por aqui que a gente ia nessa época

PESQUISADORA: sai mais lá na frente?

COLABORADOR: sim, bem próxima ali a Hermasa

PESQUISADORA: hum, tá

COLABORADOR: aí era um sacrifício muito grande que o lago ficava seco o igarapé ficava bem estreitinho rasiño e a gente andava maior parte por terra pela beirada, amarra uma corda do lado outra do outro da canoa, na vinda né que na ida a gente ia a favor da correnteza ia embora

PESQUISADOR: hum, rum

COLABORADOR: mas não era muito fácil não era um sacrifício muito grande ai quando foi em 1980... em 1977 aí eu consegui um emprego numa Serraria do empresário Mamud Amed, ali próximo ali é a Hermasa, ai nós saíamos daqui de madrugada todos os dias aí amanheci o dia pegava a estrada da LDB do aeroporto subia e entrava na estrada lá que vai lá para a Serraria, trabalhei de 1980... de 1977 até 1980, em 80 eu consegui é uma vaga pra agente de saúde aqui na comunidade só que nós não tínhamos ganho era voluntário mesmo e aí a gente montou um pequeno posto de saúde na minha casa

PESQUISADOR: o senhor já era o técnico?

COLABORADOR: já era sim... não eu era o agente de saúde rural

PESQUISADORA: o agente, depois que o senhor vai fazer...

COLABORADOR: o ACES aí eu fiz o treinamento aí eu vim trabalhar, como eu, isso não tinha ganho aí eu fazia eu pegava um caderno anotava tudo se acaso vier alguém com febre tudo mais adulto, criança você de esse medicamento aqui ai eu ia trabalha, ai um certo dia um Jacaré mordeu um cidadão ali pra cima e ele não veio aqui ele foi direto lá pro hospital, ai perguntaram por mim... Ah o cara não está, a gente procura ele em casa ele não está, ta trabalhando, tá pescando mas se eu não tinha ganho tinha que me virar não é?

PESQUISADORA: Hum, rum

COLABORADOR: aí me chamaram lá é lá no hospital isso foi 1980 e em 1980 e me chamaram no hospital pô cara, o cara veio aqui ai ele reclamou, mas eles não me procuraram aí foi que aí o diretor ele gostou muito do trabalho no tempo de estágio, ele disse o povo lá não precisa de você, quem precisa de você somos nós aqui, você já fica aqui, ai eu já fiquei como serviço prestado ai já fiquei é comprado escala como serviço prestado

PESQUISADORA: remunerado agora?

COLABORADOR: é sim, aí 1980 eu trabalhei até 1984 com serviço prestado, em 1984 dia é 22 de setembro chegou meu contrato, já...

PESQUISADORA: primeiro emprego?

COLABORADOR: primeiro emprego pelo Estado, já era meu segundo emprego porque eu já tinha trabalhado, é nesta Serraria né, nessa madeireira, aí eu meu segundo emprego e até hoje me aposentei nele

PESQUISADORA: hum

COLABORADOR: 40 anos de batalha, graças a Deus, mais é uma área que eu me identifiquei muito, gostei demais era de saúde

PESQUISADORA: da saúde né

COLABORADOR: até hoje chega gente aqui, que se cortam e vem aqui, seu Hélio o senhor da sutura?... dou, daí tenho tudo o material

PESQUISADORA: eu sei, os seus pais então eles eram, eles vieram de outro estado né?

COLABORADOR: de outros lugares

PESQUISADORA: não pertenciam aqui?

COLABORADOR: não

PESQUISADORA: nenhum dos 2?

COLABORADOR: nenhum dos 2, eles chegaram para cá em 1953

PESQUISADORA: mas o senhor lembra, será que foi do Nordeste ou de outro lugar?

COLABORADOR: olha, o meu pai quando ele veio para cá ele era vaqueiro aqui na fazenda Guajará

PESQUISADORA: é próximo?

COLABORADOR: é onde é a Hermasa

PESQUISADORA: Hermasa...

COLABORADOR: é, ali a fazenda, ficava bem aqui na frente onde é hoje uma Serraria aí o meu pai era vaqueiro de lá, como o proprietário da fazenda era dono de todas essas terras

PESQUISADORA: hum...

COLABORADORA: aí ele colocou o meu pai para ser o espião das terras dele, para cá para dentro do Lago

PESQUISADORA: vigiar né?

COLABORADOR: sim, aí meu pai já ficou

PESQUISADORA: já ficou...

COLABORADOR: tirou um lote de terra para ele, ali mais em cima, aí já ficaram aqui

PESQUISADORA: quantos irmãos vocês são

COLABORADOR: 8 irmãos, vivos 4

PESQUISADORA: o senhor é o que, o mais velho ou o mais novo?

COLABORADOR: eu sou o mais velho dos vivos

PESQUISADORA: Hum

COLABORADOR: é que os 2 mais velhos morreram, Emanuel e o Antônio Luiz, ai dos irmãos nós éramos 4 irmãos e 4 irmãs, morreram 2 irmãos, nós somos 2 vivos e às 4 irmãs graças a Deus tão vivas, graças a Deus

PESQUISADORA: é sempre foi o nome da Comunidade Sagrado Coração de Jesus, ou era outro nome antes?

COLABORADOR: não, sempre foi dêz do meu entendimento sempre foi Sagrado Coração de Jesus

PESQUISADORA: desde criança né... são os seus pais chegaram a morar aqui nessa área?

COLABORADOR: sim, mais um pouquinho mais na frente aí, a casa do meu pai é logo ali, é para onde eles estão

PESQUISADORA: onde eles estão...

COLABORADOR: casa do meu pai e da minha mãe, que hoje moram meu irmão

PESQUISADORA: uma pergunta assim bem subjetiva né, como é fazer parte da comunidade Sagrado Coração de Jesus?

COLABORADOR: bem, eu sinto honrado a fazer parte dessa comunidade porque aqui eu nasci e me criei, eu tenho uma história aqui nessa comunidade, e essa história eu não quero que se acabe, eu quero é por isso que nós lutamos, pela preservação da nossa comunidade, enquanto uns lutam pela destruição, nós luta preservação

PESQUISADORA: preservação...

COLABORADOR: desde quando eu, nós tínhamos... esse Lago já foi muito rico em fartura de peixe, ele foi, não lembro a época, mas eu tinha mais ou menos em 1975, mais ou menos por ai assim, esse lago foi um lago de criação reconhecido SUDEP na época, ainda não era IBAMA não, era do meio ambiente, SUDEP, o seu Francisco Fiuza ele colocou um viveiro aqui de tartaruga e tracajá, aqui foi soltado 5000 mil tartarugas e 15000 mil tracajás aqui nesse lago

PESQUISADORA: em que ano seu Hélio?

COLABORADOR: na época de 1972, 1975 mais ou menos, eu tinha 12 a 15 anos

PESQUISADORA: 12 a 15 anos...

COLABORADOR: é, ai foi soltado pirarucu, esse lago tinha muito peixe, ai foi tempo que ele morreu, ai foi... (opa desculpa)... seu Francisco Fiuza morreu, ai ficou sem aquela linha de frente, entendeu, ai começaram a invadir, ai foi tempo que nós que criamos aqui uma parceria com o Ibama, ainda vigiamos várias vezes, vários anos o nosso lago permaneceu, aí depois que os empresários começaram a comprar esses lotes de terra ai, ai nós não vencemos mais, porque na época só tinha duas entradas , era pela comunidade e por aqui pelo igarapé, depois que eles cobraram esses lotes de terras , qualquer lugar aqui você vara aqui, aqui pro Rio, tem canoa de todo esse povo ai tem canoa, dos invasores aqui de dentro, ai nós não conseguimos mais, mas, nós continuamos lutando

PESQUISADORA: os invasores e aqueles que o senhor vê que não...

COLABORADOR: é que não são moradores daqui

PESQUISADORA: que entram só...

COLABORADOR: isso, que entram pescam, matam, vendem, sabe

PESQUISADORA: e hoje a comunidade ainda usufruir do lago, assim para sustento mesmo?

COLABORADOR: sim!

PESQUISADORA: ainda dá?

COLABORADOR: sim, olha ali meu peixe está em cima do Girau, que eu ainda vou cuidar ainda, a gente pesca a noite, pega bastante peixe

PESQUISADORA: e é uma coisa aqui quais os principais problemas, que mais assim é mais discutido pela comunidade, quais são assim os principais problemas, as questões?

COLABORADOR: as questões mais discutidas na comunidade é que lutamos pela preservação, e tem vários que aqui não aceitam

PESQUISADORA: o senhor é o que da comunidade, o senhor tem algum cargo?

COLABORADOR: sim, eu sou o vice coordenador do Quilombo

PESQUISADORA: do Quilombo né, mas isso é por eleição, ou o senhor foi nomeado para os comunitários?

COLABORADOR: é porque é assim, nós fomos nomeados, porque dentro do quilombo ele não tem eleição, ele tem nomeação

PESQUISADORA: nomeação né

COLABORADOR: não é como vamos supor, é presidente da comunidade social ai sim ai faz eleição, ai já do quilombo é diferente

PESQUISADORA: sim...

COLABORADOR: já é nomeado

PESQUISADORA: a gente vê que vocês preservam bem aqui a área né, tudo cuidado

COLABORADOR: a gente cuida, só que final de semana aqui tem uns jet ski aqui tem umas lanchas grandes que ficam aqui, comendo milito, bebendo cerveja, vão jogando as latinhas pelo chão, vão jogando garrafa pet, então é por isso que a gente luta pela preservação daqui do Rio e a nossa dor de cabeça maior aqui é isso, porque enquanto nós não tivermos a certificação em mão, nós não vamos ter força de combater isso ai

PESQUISADORA: hum rum

COLABORADOR: mas depois que nós tivermos a nossa certificação em mão, aí tem como a gente fazer, aí tem como a gente lutar pra vencer mesmo, entendeu?

PESQUISADORA: então essas ações da comunidade elas acontecem o ano todo, vocês tão sempre assim se reunindo, fazendo fórum debates?

COLABORADOR: sim, sim, sempre nós temos reunião com o Ministério Público aqui, com o INCRA, e o INCRA sempre está aqui, o Ministério Público sempre está aqui lutando junto com a gente é por essa titulação enquanto...

PESQUISADORA: e as famílias, elas participam?

COLABORADOR: as famílias participam, quando ele vem todas as famílias associadas elas participam

PESQUISADORA: sim...

COLABORADOR: não aqueles que não são ...

PESQUISADORA: tem uns que tão de fora né, os que não se veem nesse papel de reconhecimento

COLABORADOR: isso, verdade, não sei se vocês vão chegar a conversar com esse povo que eles não querem se reconhecer, eles são todos declarados, mas, quando foi para se reconhecer eles negaram, até o irmão do condutor de vocês aí

PESQUISADORA: mas o senhor acha que isso é por que, porque tem que criam uma identidade né

COLABORADOR: tem, tem, eles têm uma ligação muito forte com os empresários, aí eles vão pela cabeça deles, olha vamos lutar senão eu não vou te dar mais emprego, aí como é que tu vai sobreviver, de que tu vai sobreviver, que na verdade depois do nosso reconhecimento, depois da nossa titulação nós vamos ter muita verba disponível pro nosso quilombo, tem muito dinheiro aí, só infelizmente nós não estamos ainda titulados ainda

PESQUISADORA: hum rum

COLABORADOR: mas mesmo assim já está vindo recurso, nós já tivemos recurso doado pela...

PESQUISADORA: é uma luta coletiva né...

COLABORADOR: isso, pela CONAC, a CONAC está nos ajudando, temos uma parceria, agora nós temos aqui na comunidade um representante da CONAC nacional, nós temos, nós formamos uma representação da CONAC nacional aqui, então ficou gente daqui do lago de Serpa representando a CONAC em todo território nacional

PESQUISADORA: onde vocês costumam se reunir comunitariamente tem sede?

COLABORADOR: lá no seu ERNANDO

PESQUISADORA: no seu ERNANDO, lá que é a sede?

COLABORADOR: lá por enquanto que é a sede, a gente tem uma sede, mas essa sede tá em conflito entre a social e nós, então para não exigir, para não existir esse tipo de conflito nós preferimos fazer as reuniões no seu ERNANDO, então lá por enquanto é a nossa sede

PESQUISADORA: ah, tá, e nessa questão aí o senhor aí, o senhor se reconhece como remanescente?

COLABORADOR: eu sou reconhecido, e gostaria que todo mundo fosse porque isso para nós é muito bom, porque não adianta a gente lutar por uma coisa enquanto 10, 12, lutam por um objetivo e os outros não porque se a luta fosse todo mundo junto, se a luta fosse com todos os moradores nós já tínhamos sido já titulados já

PESQUISADORA: sim!

COLABORADOR: porque eles lutavam juntos com a gente e contra os empresários, mas enquanto houver gente da nossa própria comunidade lutando contra nós, e juntos com os empresários para que isso não venha acontecer aí está sendo demorado um pouco

PESQUISADORA: sim, quais os problemas a comunidade em seu Hélio ela tem enfrentado, e sobre quais o senhor gostaria de falar nesse momento?

COLABORADOR: olha...

(VOZES NO FUNDO)

COLABORADOR: a nossa luta maior é pelo reconhecimento, é pela titulação, porque depois que a titulação tiver é em nossas mãos, aí tudo vai ser bom para nós, tudo vai se favorecer tudo vai se facilitar eu estou te falando, então a nossa luta maior é pela titulação que vai chegar se Deus quiser

PESQUISADORA: aqui atualmente o senhor é o que é empregado ou já é aposentado?

COLABORADOR: eu já sou aposentado

PESQUISADORA: quanto tempo aposentado?

COLABORADOR: há 2 anos

PESQUISADORA: 2 anos...

COLABORADOR: 2020

PESQUISADORA: hoje só é mesmo para ajudar a comunidade

COLABORADOR: cuidado do meu sitio e da comunidade eu e minha esposa aqui a gente trabalha aqui no nosso sitio, limpeza, plantio com hortaliças tem cebolinha, cheiro verde

PESQUISADORA: a principal renda da família, o senhor pode nos falar?

COLABORADOR: da minha ou das outras?

PESQUISADORA: da sua, das outras...

COLABORADOR: bem, a minha fonte de renda aqui eu já estou tirando um pouco do meu sitio né e da minha aposentadoria, a minha esposa também ela é aposentada

PESQUISADORA: seu Hélio como o senhor pode assim, como é que o senhor vê esses projetos de ações sociais, e essas políticas públicas voltadas para as comunidades quilombolas que aqui não é a única, mas é uma extensão de várias né?

COLABORADOR: olha, ainda tem muita luta ainda está muito assim precário ainda, mas porque todos precisam desse reconhecimento e dessa titulação, porque se todos já tivessem reconhecidos, titulados, porque eles são reconhecidos, mas o problema maior de todos os quilombos do Amazonas, do nosso Brasil é a titulação

PESQUISADORA: é a titulação...

COLABORADOR: que eu acho que nenhum quilombo, ou nós já temos, nós temos poucos quilombos titulados, poucos

PESQUISADORA: sim!

COLABORADOR: mas como agora tem essa representação da CONAC voltado ao quilombo a coisa agora vai andar, porque a CONAC ela é um órgão que tem muita força, tem muita potencia

PESQUISADORA: é nacional né

COLABORADOR: é nacional, sim

PESQUISADORA: é uma instituição nacional

COLABORADOR: e eles lutam muito pelo reconhecimento de todas os quilombolas

PESQUISADORA: e seu Hélio quais as festas que vocês celebram na comunidade?

COLABORADOR: nós celebramos a festa do Sagrado Coração de Jesus

PESQUISADORA: qual é o período?

COLABORADOR: nós fazemos a nossa festa aqui do Sagrado Coração de Jesus em junho

PESQUISADORA: junho?

COLABORADOR: é, só não tem data, ele só não tem dia, mas é em junho às vezes dá dia 15, dia 16, dia 20, mas é junho e a nossa senhora é Aparecida, que foi uma Santa que foi achada aqui dentro desse Rio, ela foi encontrada no dia 22 de setembro, e no dia 22 de setembro nós fazemos a tradição

PESQUISADORA: é de vocês a celebração

COLABORADOR: é, isso, a gente faz é a procissão fluvial, é muito linda, as rabetas, as lanchas vão lá onde ela foi encontrada aí volta pra comunidade, e da Consciência Negra também que nós festejamos no dia 20 de novembro

PESQUISADORA: mas vocês trazem assim aqueles costumes da dessa memória?

COLABORADOR: sim, a gente faz várias é apresentação, como é, artesanato de palha, de garrafa pet, de madeira

PESQUISADORA: a comunidade participa?

COLABORADOR: a comunidade participa, a comunidade mesmo faz

PESQUISADORA: hum, qual a sua religião seu Hélio?

COLABORADOR: católica

PESQUISADORA: sempre foi católica?

COLABORADOR: sempre foi católica

PESQUISADORA: foi batizado?

COLABORADOR: sim, fui batizado, crismado, eu nunca mudei de religião

PESQUISADORA: tá, deixa eu ver, as lembranças aqui da comunidade, quais são aquelas que assim o senhor mais acha legal de contar assim, que rememora a, tem a lembrança dos carvoeiros né, tem a memória

COLABORADOR: é, os carvoeiros, é uma memória muita linda, porque era um trabalho assim eles trabalhavam em coletividade, quando era para sair como o igarapé ele era muito dificultoso para se trafegar nele a gente se reunia todos pela manhã e iam embora, a gente tinha aqui um senhor que ele festejada o São Raimundo e ele fazia é este festeiro na casa dele, é no dia 31 de agosto

PESQUISADORA: ainda acontece?

COLABORADOR: não, ele faleceu aí os filhos também não, mas é uma lembrança muito linda que eu tenho na minha memória, porque quando dava assim de meio-dia em diante pela manhã, eles vinham de canoa, era aquele monte de canoa passando para lá para essa festa lá

PESQUISADORA: vocês levavam o carvão também na canoa?

COLABORADOR: de canoa

PESQUISADORA: que já era negociado?

COLABORADOR: bem, a gente já tinha as freguesias certas, entendeu, chegava lá era só fazendo entrega

PESQUISADORA: e vocês eram vistos como assim?

COLABORADOR: carvoeiros, pretos carvoeiros, era a identidade que eles davam para gente, olha aí é um preto carvoeiro lá do lago de Serpa

PESQUISADORA: a cidade então ainda não tinha luz né, era tudo...

COLABORADOR: a cidade só era da avenida 7 de setembro até o bairro da Colônia, isso aí eu tenho lembrança muito bem, o fim da cidade era na 7 de setembro, daí para lá era mata

PESQUISADORA: para lá né?

COLABORADOR: é, aí depois que foi ele desenvolvendo, prefeito finado é Jurandir Pereira, Fernando Aurélio, Chibly, foi desenvolvendo Itacoatiara

PESQUISADORA: crescendo, é para o senhor né qual a importância da história da comunidade, dela ser conhecida como um patrimônio histórico cultural imaterial, e que a gente está falando imaterial é aquilo que a gente não pode pegar no concreto né, imaterial é aquilo que está na nossa memória que tem aquela memória que tem as tradições, o respeito ao que se constituiu né, que agora é o que eu acho que é o que dá origem ao quilombo né

COLABORADOR: sim, é porque quando nós não tínhamos é quando nós não sabíamos dessa história nós não dávamos importância nenhuma, mas depois que nós se aprofundamos nessa história e sabemos que essa história é uma história verdadeira, aí nós entramos de cabeça, nós mergulhamos mesmos

PESQUISADORA: mas isso foi a partir de que?

COLABORADOR: de 2010

PESQUISADORA: mas foram muitos encontros para entender esse processo de reconhecimento?

COLABORADOR: sim, foram várias reuniões

PESQUISADORA: várias tentativas?

COLABORADOR: é, aí quando chegou à fundação Palmares trazendo é o reconhecimento, e diário oficial toda a comunidade se mobilizou a favor, toda!

PESQUISADORA: e os seus filhos, seus filhos são tranquilos quanto a isso?

COLABORADOR: são, são reconhecidos

PESQUISADORA: são reconhecidos, estão aqui?

COLABORADOR: eles trabalham na cidade

PESQUISADORA: mas moram aqui?

COLABORADOR: sim!

PESQUISADORA: estudaram?

COLABORADOR: estudaram, eu tenho um filho com nível superior ele é engenheiro, e tem outro que está fazendo também é a faculdade de é uma faculdade de...

PESQUISADORA: a distância?

COLABORADOR: não, não, ele vai presencial, ele faz lá no SENAC é uma coisa assim, e a minha nora também está fazendo é fisioterapia

PESQUISADORA: são 2 filhos só que o senhor tem?

COLABORADOR: sim!

PESQUISADORA: mas já tem netos?

COLABORADOR: sim, neto de um só, mais novo, mas o mais velho ainda não apareceu

PESQUISADORA: seu Hélio como é que o senhor pode nos dizer agora né, qual é a importância, se o senhor acha importante as crianças, os jovens, os adolescentes saber a história da comunidade, se é importante para o senhor trabalhar essa história como uma história local nas escolas públicas?

COLABORADOR: com certeza, é muito bom, a nossa escola ela está ainda tendo muita dificuldade é porque nós temos várias crianças de pessoas que não são reconhecidas, e essas crianças, os professores estão tendo muita dificuldade para que essas crianças entendam, a nossa comunidade na verdade ela já está reconhecida pelo órgão municipal como quilombola, a nossa comunidade ela é reconhecida

PESQUISADORA: existe um processo de identidade

COLABORADOR: sim, só falta é os órgãos municipais nos apoiar, que nós não temos o apoio deles

PESQUISADORA: sim!

COLABORADOR: o apoio que nós temos no nosso quilombo é apoio de fora, apoio municipal nós não temos, já corremos atrás de várias e várias pessoas, Secretaria de educação, a única Secretaria é que nos apoia é a Secretaria de Saúde

PESQUISADORA: de saúde é?

COLABORADOR: é de saúde, nós temos o apoio total deles, porque é a enfermeira que ela é daqui do Polo, ela trabalha com área indígena e quilombola, então ela dá muita importância a nós entendeu, mas prefeitura educação esses outros órgãos aí a gente pega chá de banco, nós já marcamos várias reuniões com prefeito agendamos várias nunca fomos chamados

PESQUISADORA: nesse período de política a comunidade tem sido visitada?

COLABORADOR: muito, vários vereadores que vieram aqui nos visitar eles...

PESQUISADORA: são apoiadores da causa?

COLABORADOR: são apoiadores da causa, e eles respeitam muito o nosso reconhecimento

PESQUISADORA: e tem posto de saúde?

COLABORADOR: não!

PESQUISADORA: tem escola?

COLABORADOR: escola tem, posto de saúde não, e nós estamos lutando para que isso aconteça, nós já fizemos uma solicitação, estamos aguardando aí uma resposta do prefeito, mas até agora não tivemos respostas nenhuma.

**Colaborador:** Sebastião Gonçalves de Melo.

Idade: 65 anos.

Data da entrevista: 15/10/2022

Local da entrevista: Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus,  
Itacoatiara-AM.

Pesquisadora: Hiana da Silva Rodrigues Magalhães.



PESQUISADORA: Qual é o seu nome?

COLABORADOR: Meu nome é Sebastião Gonçalves de Melo.

PESQUISADORA: Quantos anos o senhor tem seu Sebastião?

COLABORADOR: Eu tô com 65.

PESQUISADORA: O senhor é casado?

COLABORADOR: Sou, sou casado.

PESQUISADORA: Nome da sua esposa?

COLABORADOR: É Maria das Graças dos Santos de Melo.

PESQUISADORA: Quantos filhos vocês têm?

COLABORADOR: Dez filhos.

PESQUISADORA: Dez?

COLABORADOR: Dez filhos.

PESQUISADORA: É. Qual é a sua profissão?

COLABORADOR: A minha profissão é agricultor mesmo, é fazer roça, a gente já passou por alguns trabalhos, mas a profissão maior foi essa mesmo né agricultor, fazer roça, algumas vezes pescar que eu fui associado no SINE Pesca, fui associado nove anos, aí eu pescava, mas não aqui eu pescava do outro lado do rio lá no Amazonas lá eu pescava. Eu passei por vários trabalhos.

PESQUISADORA: O senhor estudou?

COLABORADOR: Estudei até a quarta série, eu terminei a quarta série, agora fiz até a metade da quinta, mas a quarta série mesmo que...

PESQUISADORA: Como é que foi a experiência de ter estudado?

COLABORADOR: A minha experiência de ter estudado foi boa, graças à Deus na época era muito difícil, mas a gente fazia um esforço e estudava. Agora...

PESQUISADORA: O senhor estudou na cidade?

COLABORADOR: Não!

PESQUISADORA: Ou aqui mesmo na comunidade?

COLABORADOR: Eu estudei aqui mesmo na comunidade, esse período, esse período de ir pra cidade eu não tive, porque era muito difícil.

PESQUISADORA: Que ano foi isso? O ensino primário? Que o senhor fez.

COLABORADOR: Olha, é... (Murmurando)

PESQUISADORA: O senhor era criança ou já era adulto?

COLABORADOR: Não eu estava com oito anos, sete anos eu comecei a estudar na época né? E eu acho que quando cheguei a quarta série eu estava numa base de doze anos. Eu tava com doze anos isso aí.

PESQUISADORA: O senhor nasceu na comunidade?

COLABORADOR: Não, nasci aqui não.

PESQUISADORA: Na comunidade...

COLABORADOR: Aqui mesmo no Serpa, é nascido e criado aqui.

PESQUISADORA: Hum... qual é a data do seu nascimento?

COLABORADOR: Eu sou de mil novecentos e cinquenta e sete.

PESQUISADORA: O senhor sempre morou aqui então? Na comunidade.

COLABORADOR: Sempre morei aqui, saía pra trabalhar, mas voltava pra cá né minha convivência toda foi aqui, eu fiz uma casa lá no interior, mas minha convivência foi aqui mesmo.

PESQUISADORA: E a sua família também sempre foi daqui?

COLABORADOR: É sempre foi daqui meu pai, meu pai ele, ele não era daqui meu pai ele veio, é, quando essas pessoas que vieram, os negros vieram pra cá, aí o meu avô que veio de lá ele, meu pai era cearense, meu pai não era negro, meu pai era cearense, ele veio de lá.

PESQUISADORA: Do Ceará mesmo?

COLABORADOR: Fortaleza, Nordeste, ele era do estado de Alagoas ele.

PESQUISADORA: Ah!

COLABORADOR: Meu pai, e aí eles vieram junto com eles lá, que quando foi eles chegaram em Itacoatiara que meu avô ficou lá no centenário agora que é, que ele tem.

PESQUISADORA: hum, rum.

COLABORADOR: E após um tempo eles vieram passaram pra cá que eles trabalha, trabalhava nessa usina lá que era, não sei como era o nome dela.

PESQUISADORA: O seu pai só veio para cá, sua mãe já era daqui?

COLABORADOR: Não.

É, minha mãe era daqui minha mãe era daqui do Arari, ela era daqui do Amazonas mesmo, agora só meu pai que veio de lá. Eu não estou lembrado o ano que eles chegaram aqui, eu sei que meu pai contava quando eles chegaram aqui ele estava com oito anos de idade, era muito novo também.

PESQUISADORA: Em que ano, o senhor recorda?

COLABORADOR: Não recordo, sério. Eu não tenho uma coisa que eu até hoje eu fico pensando que eu não tenho um documento do papai pra me ver identidade dele, registro dele pra mim saber o ano que eles chegaram pra cá.

PESQUISADORA: Seu Sebastião e para o senhor como é fazer parte dessa da comunidade Sagrado Coração né? Ser parte aqui da comunidade?

Como é que o senhor se sente sendo parte da comunidade?

COLABORADOR: Eu, eu me sinto bem, porque agora com esse estudo que houve no, no quilombo melhor seria pra nós foi uma coisa que veio, é, para nos amparar de uma forma que a gente, eu acho que daqui pra frente a gente pode ter um sucesso melhor na nossa comunidade.

PESQUISADORA: Seu Sebastião quais são as questões, os problemas que a, que vocês assim comunitários discutem mais né? Quando costumam se reunir, quais são as questões?

COLABORADOR: A gente discute é, a preservação do lago muito isso aí porque é uma, pra nós é uma questão muito profundada isso aí. Porque esse lago aqui pra nós é Ave Maria! Deus o livre vier afetar esse nosso lago aqui, vai ficar muito ruim pra nós. Não só pra nós como pros outros, as outras pessoas né que pode vim migrar também aqui. E a gente se preocupa muito nessa parte tanto na água como na terra. Porque hoje você ainda pesca, hoje você ainda caça, mas ninguém sabe mais pra frente se a gente não cuidar, fica difícil. Madeira, as árvores que a gente, a gente tem ainda a gente tá conservando aquelas áreas pra que mais na frente seja futuro da, da nova nação que está se criando, os netos, bisnetos porque a gente sabe que a gente já tá numa idade né, mas tem os nossos netos que estão vindo aí tem nossos bisnetos que ainda estão vindo, tem os nossos filhos que ninguém sabe até aonde eles vão chegar também né?

PESQUISADORA: É.

COLABORADOR: Então tudo isso, a gente pensa nessa, nessa parte aí.

PESQUISADORA: Seu Sebastião onde é que vocês se reúnem comunitariamente?

COLABORADOR: Lá, agora nós estamos reunindo lá no seu Renan, mas nos reunimos na comunidade mesmo lá na sede da comunidade. Mas agora algumas a gente vai lá pro seu Renan pra lá a gente conversa, mas a gente tem a sede lá na comunidade pra se reunir.

PESQUISADORA: O senhor se reconhece então como um remanescente quilombola?

COLABORADOR: Sim senhora, me reconheço como um remanescente quilombola.

PESQUISADORA: É, como é que, é o que isso significa pro senhor? Ser um remanescente.

COLABORADOR: É para mim pelos estudos que, que foi feito pra mim significa uma coisa muito importante até porque a gente é reconhecido, e a gente sabe que existe essa dificuldade né, do, dos negros, mas é importante pra, pra cada um de nós que estamos reconhecendo como quilombo. Muita coisa pode favorecer, muita coisa não pode favorecer, mas muitas pode favorecer, pra nós e a gente sendo reconhecido a gente sabe que também o nome da gente tá lá, nos senso que agora tá, que veio e em outros lugar também.

PESQUISADORA: Hoje o senhor tá empregado ou é aposentado?

COLABORADOR: Não, eu sou aposentado, graças a Deus eu me aposentei.

PESQUISADORA: Qual a principal renda da sua família que o senhor pode nos falar?

COLABORADOR: Aqui a renda da nossa família, olha eu pelo menos tenho minha aposentadoria, meus filhos trabalham com esse que está aí é que estava lá agora ele trabalha na carpintaria, ele faz canoa, ele faz vasilha, eu não sei se vocês já viram, as vasilhas que eles têm. Eles estão fazendo vasilha, é, artesanato, pra apresentar agora eles fazem, aí vem um compra um, outro compra outro, aí vem um pra fazer uma mesa, faz um carro, um tamborete, faz uma cadeira, eles vão vivendo assim, é, da roça também né. Que a gente planta a roça e a gente tira a roça também.

PESQUISADORA: Seu Sebastião como é que o senhor é, vê assim o, os projetos né de ações sociais, e as políticas públicas que são voltadas para as comunidades quilombolas, como é que o senhor vê?

COLABORADOR: Olha eu vejo, eu vejo um futuro muito grande pra nós aqui porque se Deus quiser que isso aí aconteça pra nós vai ser muito bom. Porque são as políticas públicas até tem uns projetos, olha, nós temos vários projetos aí agora, só que a gente ainda não a titulação né, só a certificação, então o que tá, o que tá faltando pra nós, é fechar o território e ter a titulação. Porque aí não, aí sim aí gente vai ter mais. É, vai ser mais favorável chegar um projeto bom que como bem agora a gente tá esperando o projeto da gaiola do peixe né, tão esperando, esperando o projeto do coroadado, o coroadado que vem

também pra tirar fibra, então tudo isso são projeto que já está encaminhado pra cá, ninguém sabe se...

PESQUISADORA: Sim.

COLABORADOR: Mas a gente espera que chegue aqui.

PESQUISADORA: Quais as festas celebradas aqui pela comunidade?

COLABORADOR: A gente tem três festas, é, que é celebrada que é o, o Sagrado que é, o mesmo ele é o primeiro celebrado é o Sagrado Coração de Jesus que é em Junho, e temos Nossa Senhora Aparecida que foi, é uma história também que foi achada no rio ela ali no igarapé, e ela é celebrado no dia que ela foi achada, que é dia vinte e dois de setembro.

PESQUISADORA: Você e a sua família participam?

COLABORADOR: Com certeza. Somos todos devotos de Nossa Senhora Aparecida. E tem a de outubro né.

PESQUISADORA: Qual é a sua religião?

COLABORADOR: É católico.

PESQUISADORA: Sempre?

COLABORADOR: Sou, sempre fui católico. Meu pai ele era católico, e muito católico, a religião que ele adotou pra nós foi essa.

PESQUISADORA: Seu Sebastião é, o senhor tem lembranças da comunidade assim que o senhor recorda desde menino?

COLABORADOR: Do início?

PESQUISADORA: É. Quais essas impressões de lembrança assim que o senhor gosta, gostaria de falar né?

COLABORADOR: Olha eu, eu vou, eu vou iniciar desde quando essa comunidade iniciou aqui, que eu me lembro bem, quando eu tinha oito anos de idade, chegou um padre aqui que era o padre Jorge, e, eu fiz a primeira comunhão com o padre Jorge e a irmã Letícia, eu tinha oito anos, a partir desse momento aí se reuniu a, o meu pai com os irmãos dele e outras pessoas de idade aí pra fazer a comunidade, pra formar uma comunidade, naquele tempo. Era na casa de um primo meu que é chamado Sabá Gaspar, pai chamava pra ele Sabá Gaspar que era sobrinho do papai. Então se reuniram e fizeram isso aí aquelas pessoas de idade, aí fizemos a primeira comunidade era aqui do lado daqui aonde tem um flutuante era do lado daqui do rio mesmo. Passado tempo, aí mudou pra lá, eu acho que uns oito, dez anos mas eu não estou lembrado os anos. Mas aí foi quando se mudou pra lá, mas aqui nessa desse lado aqui foi aonde eu terminei a minha quarta série, foi aonde

eu iniciei a quinta e não terminei que era a noite né e tinha o MOBREAL naquele tempo, aí tinha uma professora que ela dava aula do MOBREAL mas, ela dava aula também pra nós que é independente né ela tirava...

PESQUISADORA: Que ano mais ou menos?

COLABORADOR: Isso aí foi em, é, eu estava com doze treze anos, foi em sessenta e cinco, mas, lá de sessenta e oito, setenta...

PESQUISADORA: Sim.

Dessas histórias mais antigas assim sobre o, o lugar, comunidade, assim tem uma que o senhor goste de contar, uma história de lembrança, de memória?

COLABORADOR: Olha é uma, uma, uma coisa que eu, eu tinha e tenho até hoje a lembrança da, quando eu era pequeno assim era, era meu pai com os amigos dele que tinham que eles jogavam baralho, aí tinha uma bandinha de música aqui que tocava violão, cavaquinho né pro pessoal, bem daqui da frente tinha um que tocava que era do pessoal do sabinosada, o Sebastião Sabino, Chico Sabino, Raimundo Sabino, João Sabino, que morava pra ali então e quando chegava, tinha a época que eles faziam as festinhas deles. Aquilo ali me traz uma lembrança até hoje comadre.

PESQUISADORA: Mas o senhor tinha que idade esse tempo?

COLABORADOR: Eu estava com uns oito a dez anos, nesse momento mesmo, era chão batido, não tinha assoalho não, era chão batido mesmo, aí fazia com uma um por exemplo uma casinha começa aí, aí coberta de palha mesmo, aí fazia aquela ramada que chamavam no tempo, e faziam aquelas festas deles.

PESQUISADORA: Sim.

COLABORADOR: Aí São João, São Pedro, é, nessa festa Junina se reuniam e faziam aquelas festas deles, é interessante. E tinha outra festa de tradição que era do São Raimundo, dia trinta de agosto, trinta e um de agosto fazia o que era do Raimundo Sabino lá na cabeceira, aquela era de tradição mesmo.

PESQUISADORA: Esse senhor era o que, ele era?

COLABORADOR: Ele era quilombola, ele era bem moreno.

PESQUISADORA: Bem negro né?

COLABORADOR: Bem negro mesmo, ele ainda tem um filho que mora lá, nesse lugar.

PESQUISADORA: Como é o nome dele?

COLABORADOR: Era Raimundo Sabino, só que naquele tempo ninguém não tinha estudo, ninguém sabia quem era e quem não era.

PESQUISADORA: Hum...

Depois que veio o estudo...

A sua mãe ela era...

COLABORADOR: A minha mãe era índia daqui do ela era do Arari, era daqui do Amazonas mesmo, a Dona Odete Neves Gonçalves, lembrança da minha mãe e do meu pai.

PESQUISADORA: Hoje, é, pro senhor, qual a importância da história da, da comunidade, ela ser reconhecida como um patrimônio cultural e imaterial né, como é que o senhor...

COLABORADOR: Ela, ela, pra mim ela é muito importante isso aí, até porque ela tá sendo reconhecida, eu não sei se no Brasil todo, mas pelo menos uma metade dela tá sendo reconhecida, porque vocês estão aqui, vocês vão levar essa lembrança pra algum lugar, outras pessoas que já vieram, já levaram...

Outros virão.

Outros virão mais na frente, nós estamos aqui de braços abertos pras pessoas que queiram vim, queiram conversar, queiram saber e nós estamos aqui dizer aquilo que nós sentimos, aquilo nós sabemos...

PESQUISADORA: O senhor acha importante as crianças, os adolescentes, os jovens né, saberem a história da comunidade? É importante, é, pra você trabalhar essa história local nas escolas públicos, o senhor considera isso?

COLABORADOR: Com certeza, porque é muitos deles não sabe, e é por isso que fica em dúvida. E se for, se for estudado, se for explicado, um professor ou mesmo nós menos explicando e eles, eles colocando na memória deles naquilo que é o certo, eles vão achar muito importante.

PESQUISADORA: Seu Sebastião as crianças que nascem aqui elas já são...

COLABORADOR: Olha, a partir do momento eu acho que agora elas já vão ser registradas como quilombos.

Os seus netos...

É, os meus netos eles não são registrados ainda como quilombos, porque a gente, eu não sei se a mãe registrou como quilombo não, mas, eles já eram pra ser registrados.

PESQUISADORA: Mas por lei né?

COLABORADOR: Por lei (murmurando)

PESQUISADORA: Sim, sim.

COLABORADOR: Mas nada é difícil pra gente chegar com uma criança depende dele entender a gente conversando com isso.

PESQUISADORA: Mas os seus filhos querem isso, eles querem?

COLABORADOR: Querem. Todos eles querem, todos.

PESQUISADORA: Sim, sim.

COLABORADOR: Eles acham muito importante isso e a gente conversa muito com esse rapaz que chegou lá às vezes ele vem pra cá e a gente fica conversando sobre esses assuntos, ele é muito preocupado, esse meu filho, ele é muito preocupado, será mesmo, não, mas a gente tem q ter fé, tem q ter fé.

PESQUISADORA: É, sim, sim.

COLABORADOR: É isso aí mesmo.

E o pessoal acha que a gente é muito forte porque o que nós já passamos ninguém desistiu, e ninguém vai desistir, não vai desistir mais não, mas quando.

PESQUISADORA: É um processo então de reconhecimento.

COLABORADOR: De reconhecimento, é isso aí.

PESQUISADORA: Então tá.

(Música ao fundo)

**Colaboradora:** Maria de Lurdes Cardoso Nascimento

IDADE: 65 anos

LOCAL DA ENTREVISTA: Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus, Itacoatiara-AM.

DATA: 15/10/2022

ENTREVISTADORA: Kamilly Biase



PESQUISADORA: Esse é o projeto de extensão do curso modulado de Licenciatura em história e a gente está fazendo na comunidade quilombola sagrado coração de Jesus e como estudo de patrimônio cultural e memória, história e identidade é a primeira colaboradora e a dona Maria de Lurdes e a primeira pergunta é: qual o seu nome?

COLABORADORA: Maria de Lurdes Cardoso Nascimento

PESQUISADORA: Quantos anos você tem?

COLABORADORA: 65 anos, jovem né?

PESQUISADORA: Sim!

(Risos de ambas)

PESQUISADORA: É, a senhora é casada tem filhos, quantos filhos?

COLABORADORA: Sou casada com Francisco Hélio do Nascimento, tenho 2 filhos, Tiago Cardoso Nascimento e Tiago Cardoso Nascimento

PESQUISADORA: É qual sua profissão?

COLABORADORA: Bem no momento agora eu sou aposentada

PESQUISADORA: Aposentada né

COLABORADORA: Mas eu já trabalhei técnico de enfermagem e professora

PESQUISADORA: Ah tudo bem... você estudou até qual série?

COLABORADOR: Eu fiz o deixa eu ver...

PESQUISADORA: Ensino superior né, faculdade?

COLABORADORA: Ensino superior isso faculdade

PESQUISADORA: Na UEA também igual a gente

COLABORADORA: Parceiras né

(Risos de ambas)

PESQUISADORA: Isso parceiros, nós somos colegas, e como foi sua experiência de estudar a senhora pode nos contar um pouco?

COLABORADORA: Hum... foi muito boa minha experiência porque é assim, olha quando eu estudava o é fazia fiz o é como é o ensino médio!? Era difícil para nós fazermos uma faculdade porque nós tínhamos que sair daqui para outra cidade pra fazer faculdade né

PESQUISADORA: Não era acessível para todo mundo...

COLABORADORA: Não, não era não tinha também né aí depois eu comecei a trabalhar já acho que foi 1993 eu acho uma coisa, eu nem lembro mais quando eu comecei a trabalhar como professora, mas eu já trabalhava no hospital como técnica de enfermagem né então eu vivi só trabalhando jamais tinha como estudar né e mas eu tinha muita vontade de estudar

PESQUISADORA: Não tinha tempo...

COLABORADORA: Não tinha tempo, não tinha condições e depois que eu casei já e já acho que foi em 2005 foi quando eu comecei eu fiz faculdade mas para mim eu era o mais jovem bem sabe sapeca que gostava de ir pra aula, de estudar, de tirar brincadeira assim como você tenho certeza que vocês assim como vocês são

PESQUISADORA: Sim...

COLABORADORA: Tirar brincadeira mexer com outro...

PESQUISADORA: (Risos)

COLABORADORA: Isso tudo eu vivi sabe

PESQUISADORA: Toda essa experiência de faculdade...

COLABORADORA: Todas... todas...

PESQUISADORA: TCC?

COLABORADORA: Tudo, de chorar, chega a hora de fazer, já tão fazendo TCC de vocês?

PESQUISADORA: Ainda não, mas já estamos pensando, ta no pré-projeto ainda

COLABORADORA: Vai chegar na hora de vocês que vocês vão chorar...

PESQUISADORA: A gente tá pensando...

COLABORADORA: Eu dizia pro meu filho assim ele fez na UFAM, ele é engenheiro de produção eu dizia mamãe está difícil, não tá não quando chegar na hora do TCC que tu vai saber o que que é gostosos meu filho, porque chora, quer desistir que não sei o que, vai chegar essa hora

PESQUISADORA: Mas aí...

COLABORADORA: Agora tem os dois que tão fazendo, a minha nora né que está fazendo também e o outro meu filho também que está fazendo agora, agora que ele se despertou ao estudo né, mas tá bom, e digo mamãe tá ruim... não está ruim não, só vai ser ruim quando chegar lá no TCC que vocês vão chorar

PESQUISADORA: Experiência própria que já sei né

COLABORADORA: Já sei né

PESQUISADORA: E a próxima...

COLABORADORA: E assim...mas eu adorei, amei estudar fiz tudo que eu tinha de fazer sabe tipo, tipo assim era é uma liberdade total, eu não tinha, tinha filhos, tinha marido mas para mim não existe porque...

PESQUISADORA: Conseguiu conciliar né?

COLABORADORA: Porque eu estava na Liberdade de estudar junto com as minhas colegas né... foi tudo, tudo de bom pra mim

PESQUISADORA: Um né sonho realizado

COLABORADORA: Foi ótimo muito ótimo

PESQUISADORA: É você sempre morou aqui na comunidade?

COLABORADORA: Não!

PESQUISADORA: Desde que ano então que a senhora veio para cá?

COLABORADORA: Eu vim para cá eu acho desde 2008

PESQUISADORA: Ano de 2008, sim então é você chegou em 2008 você a senhora respondeu né junto com a sua família aqui na comunidade ou veio só...

COLABORADORA: Não eu vi já através dele né...

PESQUISADORA: Do seu marido

COLABORADORA: Hum, rum aí que eu vim para cá

PESQUISADORA: E como é fazer parte da comunidade sagrada do coração de Jesus?

COLABORADORA: É muito bom também, adorei, depois que eu conheci o povo que me entrosei na comunidade, eu gosto muito de participar porque eu participo da igreja sabe?

PESQUISADORA: Hum, rum

COLABORADORA: Então para mim agora é muito importante por exemplo se meus filhos... mamãe a senhora tem que deixar de ficar aperreada, não é mais para senhora está... descansando... não, eu digo para eles olha no momento que eu disser assim não vou mais não quero mais participar eu acho que eu vou entrar em depressão porque é onde eu me comunico né

PESQUISADORA: É, interagindo com as pessoas né

COLABORADORA: Isso, e é lá que eu mostro o que eu posso fazer o que eu posso ajudar em que eu posso ajudar para mim é importante

PESQUISADORA: Se sentir útil na comunidade

COLABORADORA: Hum, rum importante

PESQUISADORA: Isso é importante mesmo, quais questões e problemas são mais discutidas na comunidade, e você costuma participar dessas ações?

COLABORADORA: Deixa eu te dizer assim diretamente não, porque existe muitos, muitos conflitos assim, mas que assim que eu não gosto de me envolver

PESQUISADORA: Burocrático né...

COLABORADORA: Não, eu não gosto não porque eu acho assim que a gente tem que se conservar

PESQUISADORA: Entendi

COLABORADORA: Porque se a gente, a gente sabe quando é necessário e quando não é necessário

PESQUISADORA: A senhora se envolve em outras coisas?

COLABORADORA: Em outras coisas, mas negócio assim de vocês... eu não gosto de baixaria

PESQUISADORA: Hum, rum, entendi

COLABORADORA: Essa é a palavra né

PESQUISADORA: A senhora não gosta do conflito né

COLABORADORA: Não gosto

PESQUISADORA: Existe outras formas de resolver né

COLABORADORA: Isso...

PESQUISADORA: Entendi, então, mas a senhora costuma se reunir é se reunir né fazer nas ações da comunidade nos festejos...

COLABORADORA: Principalmente na parte do Quilombo

PESQUISADORA: A senhora costuma se reunir?

COLABORADORA: Muito, porque é assim me deram um título né assim de coordenadora cultural

PESQUISADORA: Ai que legal! (RISOS)

COLABORADORA: Então eu fico nessa parte aí tudo assim o seu Ermando ele diz assim ah é essa parte aí é com a dona Lurdes, dona Lurdes que sabe fazer, eu não sei fazer eu invento que sei né

PESQUISADORA: (RISOS) está certo, usa a criatividade

COLABORADORA: Então assim eu disse pros meus filhos pesquisa ai onde que eu posso estudar menino sobre evento essas coisas assim porque eu não gosto de me envolver nessas coisas sabe, aí mas ainda não consegui, mas eu disse que eu mesmo vou pesquisar agora e vou e vou estudar porque eu gosto dessas

PESQUISADORA: É sempre manter informada né

COLABORADORA: Então assim, por exemplo, assim olha no ano todo... vou falar do Quilombo agora, é assim em janeiro a gente começa a fazer nosso planejamento de trabalho estou lá, a gente faz nosso planejamento de trabalho o que a gente vai fazer durante os meses o que que vai acontecer e aí quando a gente fica fazendo os trabalhos pra a gente realizar é um festival que a gente está fazendo agora, a gente criou um festival da Consciência Negra

PESQUISADORA: Ah que legal!

COLABORADORA: Que é 20 de novembro, vocês estão convidados

PESQUISADORA: Muito obrigada

(Vozes no fundo)

COLABORADORA: 20 de novembro, então tudo é...

PESQUISADORA: Vocês fazem uma programação desde o começo do ano pra todos os eventos que vai acontecer?

COLABORADORA: Isso, agora nós estamos já estamos quase concluindo...

PESQUISADORA: É, é

COLABORADORA: Quem tem a chave lá sou eu, sabe, quando...

PESQUISADORA: A coordenada cultural

COLABORADORA: É, eu sou meio “piradinha”, mas vai, então (risos de ambas) olha aí eu tenho que criar as coisas sabe hoje por exemplo eu fiz um comentário dizendo que está aberto as inscrições para o desfile das misses quilombola

PESQUISADORA: Ah que legal!

COLABORADORA: Esse tem desde 2018 a gente criou isso né

PESQUISADORA: Uma representatividade

COLABORADORA: Isso, então hoje começou a inscrição para as meninas que queiram... é perguntando de mim dona LURDES VAI, vai para calma aí calma aí não aperreia

PESQUISADORA: Vai ter sim

COLABORADORA: Vai ter e aí hoje já fiz a o comentário pra dizer pra elas que está aberta a inscrição né, ai a gente faz também os calouros de música, poesia essas coisas assim sabe

PESQUISADORA: Toda uma programação cultural mesmo

COLABORADORA: É uma programação mesmo, então começa no dia 19, no dia 19 a gente também vai ter a participação das pessoas que vem palestrar, a gente pode até convidar uma de vocês ou o eu vou sei lá...para vim aí palestrar

PESQUISADORA: Ah claro, que legal, a gente vem

COLABORADOR: Então... tem tudo isso, mas é muito, muito bom, é muito bom é aperreado, mas quando a gente termina ah...

PESQUISADORA: É gratificante né, assim a gente vai organiza algumas coisas no final nunca é do jeito que a gente quer

COLABORADORA: É, verdade

PESQUISADORA: Acontece várias coisas mais...

COLABORADORA: A gente tem como parceiros já nossos aqui mesmo que sempre vem que nos ajuda é o IFAM, UFAM, quem mais... é um monte de negócio aí que já tem

PESQUISADORA: São apoiadores da causa do quilombo né

COLABORADORA: Isso, o CETAM sabe

(Vozes)

COLABORADORA: Vão, mas eles não vem aqui não

PESQUISADORA: E deixa eu ver.... você se reconhece como rema remanescente quilombola?

COLABORADORA: E muito!

(BARULHO DE ANIMAL)

(RISOS DE AMBAS)

PESQUISADORA: E o que isso significa para a senhora, a senhora pode falar um pouco?

COLABORADORA: Olha para mim é muito importante nessas partes desse reconhecimento, porque o meu marido ele nasceu e se criou aqui e ele é ele é descendente de quilombola né de muito tempo, mas é né

PESQUISADORA: Sim...

COLABORADORA: Morou aqui, viveu aqui, nasceu e se criou aqui, os meus filhos também sabem então eu não sou daqui, mas eu me acho

PESQUISADORA: Reconhece né

COLABORADORA: Então...

PESQUISADORA: Entendi

COLABORADORA: Eu sou, eu gosto de ser sabe, e luto por isso junto com eles né e tô aqui, tô ali todo tempo, nunca tive... ah nasci e me criei aqui...não, não abro minha boca pra dizer isso não, não... não nasci, nem me criei aqui mas eu sou quilombola reconhecida e pronto, tenho 2 filhos que são, meu marido é

PESQUISADORA: Tá certo, é atualmente você não está empregada né como a senhora falou

COLABORADORA: É, eu estou aposentada

PESQUISADORA: Aposentada né, e qual a principal renda da sua família?

COLABORADORA: Olha assim, da minha família mesmo assim mais pra mim mais é meu salário né

PESQUISADORA: É...

COLABORADORA: Eu recebo, mas... a gente tem também outras rendas, assim, das frutas que a gente tem

PESQUISADORA: Faz esse trabalho de agricultura...

COLABORADORA: É...

PESQUISADORA: Frutas...

COLABORADORA: A gente já tem tudo isso que já está contribuindo com a gente também né

PESQUISADORA: Sim, é como você pode ver os projetos e ações sociais políticas pública voltadas para a comunidade, a senhora acha que as políticas públicas no caso da prefeitura o governo eles incentivam aqui as questões quilombolas vocês têm essa ajuda essa contribuição?

COLABORADORA: De do estado, do município a gente não, não tem

PESQUISADORA: Não acha que tem uma contribuição?

COLABORADORA: Não, mais é assim eles tarem do lado de pessoas que que não querem essa parte entendeu...

PESQUISADORA: Entendi, não tem esse apoio, infelizmente, é quais as festas são celebradas para comunidade e sua família participa?

(BARULHO DE ANIMAL)

COLABORADORA: Participa, nós temos em abri... maio não, é em junho nós temos é a o festejo do padroeiro da comunidade que é o sagrado coração de Jesus, e depois nós temos setembro que é Aparecida né, que ela foi achada aqui no Rio e aí o povo festeja essa parte são 9 noites e a procissão que é fluvial, e depois nós temos a outra aparecida aqui do lago também que todo ano também ela é festejada no dia das crianças no dia 12 né, no dia da aparecida mesmo né

PESQUISADORA: Agora né...

COLABORADORA: É, e tem a procissão à tarde, mas é feita lá na terra mesmo, lá na rua mesmo sabe

PESQUISADORA: Hum, rum

COLABORADORA: E depois nisso nosso festival

PESQUISADORA: Da consciência negra né, que a senhora falou?

COLABORADORA: Consciência negra isso...

PESQUISADORA: É, e qual é a sua religião?

COLABORADORA: Católica!

PESQUISADORA: Católica, quanto a ser mulher e ser mãe e prover sustento de casa o que você pode nos contar sobre a sua trajetória de vida foram experiências boas, experiências ruins?

COLABORADORA: Bem é assim, eu não vou dizer assim que foi ruim, pra mim foi bom porque quando eu casei eu já tinha meus trabalhos já tinha meu salário né

PESQUISADORA: Era independente né

COLABORADORA: Não tinha é aquela dificuldade, meu marido também né, então nós criamos nossos filhos numa assim acho que numa parte boa, depois que nós fomos morar em Novo Remanso também sentiu dificuldade nenhuma assim

PESQUISADORA: Entendi

COLABORADORA: Acho que para mim foi bom

PESQUISADORA: Financeira né

COLABORADORA: É foi bom

PESQUISADORA: E os seus pais eles eram daqui eles vieram?

COLABORADORA: Não, meus pais eles, eles eram de Barreirinha, mas eles vieram para cá acho que em 1970... e um pedacinho que eu não lembro que eu era menina ainda mas é por aí assim, mas já morreram todos dois

PESQUISADORA: Já faleceram...

COLABORADORA: Hum, rum

PESQUISADORA: É e você tem lembranças da comunidade é você pode nos contar alguma lembrança daqui, aí já emendando para outra história a senhora tem alguma lembrança daqui alguma história antiga de algum morador que a senhora conhece, como a senhora falou que não era daqui, mas a senhora tem alguma história antiga que seja...

COLABORADORA:(risos). Deixa eu te contar uma que vai ser tipo assim uma piadinha sabe?

PESQUISADORA: Ham, ram

COLABORADORA: A primeira vez que eu vim com eu estava ainda namorado com o...não nós estávamos casados já...

PESQUISADORA: Casada já com seu esposo...

COLABORADORA: Então nós viemos no arraial, agora não lembro assim o tipo, qual era o arraial, era um arraial né acho que devia ser do sagrado, não sei, viemos, aí nós viemos assim por terra mesmo, nunca ainda não tinha vindo para cá, então a gente estava lá no arraial sabe e tinha um senhorzinho assim que era daqui mesmo aí ele me viu (risos) ele foi tirar gracinha comigo (risos)

PESQUISADORA: Meu Deus! Não sabia que a senhora estava acompanhada?

COLABORADORA: Estava do lado do marido

PESQUISADORA: E olha enxerido (risos)

COLABORADORA: Foi lá e tirou uma gracinha comigo olha...

PESQUISADORA: E aí seu marido ficou bravo?

COLABORADORA: Olhou para ele sabe!? VOU TE PEGAR! Não sei o que, olha o velho...

(RISOS DE AMBAS)

COLABORADORA: Uma história engraçada, mas também posso falar aqui não, mas é uma piada foi uma piada assim meia ruim sabe

PESQUISADORA: Entendi, mas é foi uma lembrança que a senhora...

COLABORADORA: Foi uma das lembranças, e toda vez que via o homem...agora ele já faleceu

PESQUISADORA: Mas ficava aquele clima né... (risos)

COLABORADORA: Eu ia me lembrava meu Deus do céu

PESQUISADORA: Primeira vinda ao arraial já acontece uma confusão

COLABORADORA: Uma confusão mesmo sabe meu Deus do céu mais aí depois ficou tudo bem sabe...

PESQUISADORA: É e para a senhora qual a importância da comunidade ser reconhecida como um patrimônio histórico e como imaterial?

COLABORADORA: Para mim e eu acho assim... não só para mim sabe, mas está todos os que estão nessa luta é uma luta assim muito o importante mesmo sabe porque não vai ser sua melhor para mim vai ser uma melhoria para todos né para todos os que ficarem e estão nessa luta a gente pode dizer assim que vai ser muito bom sabe porque a gente quando conversa com as pessoas que vêm de fora que dão as experiências para a gente sabe só é de coisas boas...

PESQUISADORA: Sim...

COLABORADORA: Cada vez melhor entendeu, mas eu não sei assim eu fico pensando assim quando essas pessoas tiverem que sair daqui o que disse para gente né então às vezes eu fico assim meio pensativa assim, poxa eu não sei nem te dizer o que te dizer assim eu achava, mas eu acho que o importante pra nós é que tenho certeza sim que vai ser uma vida melhor não só para mim mas para todos é porque tenho certeza assim que vai ser uma vida melhor

PESQUISADORA: Para todos né

COLABORADORA: Não só para mim, mas para todos

PESQUISADORA: Vai ser uma vitória né

COLABORADORA: Porque tem pessoas que precisam muito mais do que a gente, que não tem um trabalho, que não tem um salário né e aí eu acho que isso sabe

PESQUISADORA: Então é e você acha importante as crianças, os adolescentes e jovens saberem a história da comunidade e é importante você trabalhar essa história para a comunidade pública tipo assim para outras pessoas para as escolas para as universidades a gente saber que aqui em Itacoatiara tem uma comunidade quilombola que é reconhecida, é importante para toda a sociedade, a senhora acha isso importante, todo mundo saber?

COLABORADORA: Eu acho muito importante, porque isso acho que devia vim de desde lá do início

PESQUISADORA: Esse reconhecimento deveria ser dès do começo

COLABORADORA: Dês do começo, desde quando existiu isso já era para terem vindo contando essa história, não desmentindo

PESQUISADORA: Então é um trabalho importante esse que a gente tá fazendo...

COLABORADORA: Muito importante...

PESQUISADORA: Divulgar essa história

COLABORADORA: Muito importante olha

PESQUISADORA: Porque é muito silenciada...

COLABORADORA: É, é muito

PESQUISADORA: Essa é a importância, da voz para vocês da comunidade

COLABORADORA: Verdade olha...

PESQUISADORA: Então essa foi nossa entrevista dona Maria, obrigada eu vou finalizar.



**UEA**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS



PROJETO DE EXTENSÃO CURSO MODULAR LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
MEDIADO POR TECNOLOGIA/ UEA/CESP/CESIT/ ITACOATIARA AMAZONAS

O Ensino de História, (Re) encontro de Patrimônios Culturais III: Diálogos com a formação de professores de História e educação básica do município de Itacoatiara- História Oral e Memória, a Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus, como estudo de Patrimônio Cultural Imaterial: memória, história e identidades

Roteiro de Entrevista

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Quantos anos você tem?
- 3- Você é casado? Tem filhos, quantos?
- 4- Qual é a sua profissão?
- 5- Você estudou? Até que série?
- 6- Como foi a experiência de estudar, pode nos contar?
- 7- Você nasceu na comunidade? Qual o ano de nascimento?
- 8- Você sempre morou aqui na comunidade? Desde que ano?
- 9- Você chegou em que ano, com a sua família aqui na comunidade?
- 10- Como é fazer parte da Comunidade Sagrado Coração de Jesus?
- 11- Quais questões, e problemas, são mais discutidas pela comunidade? Você costuma participar dessas ações?
- 12- Onde vocês costumam se reunir, comunitariamente?
- 13- Você se reconhece como um remanescente quilombola? O que isso significa pra você? Pode nos falar um pouco?
- 14- Quais os problemas a comunidade têm enfrentado, e sobre quais você gostaria de falar nesse momento?
- 15- Atualmente, você está empregado?
- 16- Qual a principal renda da sua família? Pode nos falar?
- 17- Como você vê os projetos de ações sociais e políticas públicas voltadas para as comunidades quilombolas?
- 18- Quais as festas celebradas pela comunidade? Você e sua família, participam?
- 19- Qual é a sua religião?
- 20- Quanto ser mulher e ser mãe, e prover o sustento da casa, o que você pode nos contar sobre sua trajetória de vida? Experiências boas, ou ruins?
- 21- Os seus pais eram daqui, ou vieram de outro lugar? Qual Lugar? Você lembra o ano?
- 22- Você tem lembranças da comunidade, o que você pode nos contar?
- 23- Quais as Histórias mais antigas, que você cresceu ouvindo sobre esse lugar?
- 24- Pra você, qual a importância da história da Comunidade, ser reconhecida como um patrimônio histórico imaterial?
- 25- Você acha importante as crianças, os adolescentes, os jovens, saberem a história da comunidade, é importante pra você trabalhar essa história local nas escolas públicas?

## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 15 de Outubro de 2022

Destinatário,

Eu, Emanoel Soar Macedo, portador do RG nº 0470779-6, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 15/10/2022 para \_\_\_\_\_ usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Emanoel Soar Macedo

Assinatura do Depoente



UEA  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS



## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 15 de Outubro de 2022

Destinatário,

Eu, Maria de Lourdes Cardoso Nascimento, portador do RG nº 0477807-6, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 15/10/2022 para \_\_\_\_\_ usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Maria de Lourdes Cardoso do Nascimento

Assinatura do Depoente

---

Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara - CESIT  
Av. Mario Andreazza - Bairro São Cristovão, 2260

CEP: 69100-000, Itacoatiara /AM

[www.uea.edu.br](http://www.uea.edu.br)



UEA  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS



## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 15 de Outubro de 2022

Destinatário, H

Eu, Hélio Dias do Nascimento, portador do RG  
nº 060016388-2, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista  
gravada em 15 outubro para \_\_\_\_\_ usá-las  
integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de  
direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Francisco Hélio Dias do Nascimento

Assinatura do Depoente

RG: 0616388-2

CPF: 182.580.772-87

---

Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara - CESIT  
Av. Mario Andreazza - Bairro São Cristovão, 2260

CEP: 69100-000, Itacoatiara /AM

[www.uea.edu.br](http://www.uea.edu.br)

## CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 19 de Outubro de 2022

Destinatário,

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG nº 2234335-8, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 15/10/2022 para \_\_\_\_\_ usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Sebastião Guedes de Melo

Assinatura do Depoente

CPC = 27.484.2972-91

---

Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara - CESIT  
Av. Mario Andreazza - Bairro São Cristovão, 2260

CEP: 69100-000, Itacoatiara /AM

[www.uea.edu.br](http://www.uea.edu.br)